

JOSE RIBAMAR FERNANDES BRANDÃO



A VERDADE SOBRE DOM DELGADO

SUMÁRIO

| | Página |
|---|--------|
| INTRODUÇÃO..... | 3 |
| 1 - DOM DELGADO E O CLERO | 5 |
| 2 - DOM DELGADO E A OVELHA PERDIDA | 10 |
| 3 - TESTEMUNHO DE <i>DOM BATISTA FRAGOSO</i> : DOM DELGADO É UM GIGANTE . | 13 |
| 4 - DOM DELGADO E A AÇÃO CATÓLICA..... | 20 |
| 5 - DOM DELGADO E A CLASSE TRABALHADORA:TESTEMUNHO DE <i>MARIA AMELHA LEITE</i> | 22 |
| 6 - AS RELIGIOSAS E O VATICANO II | 26 |
| 7 - O BANCO POPULAR DE FORTALEZA | 27 |
| 8 - A VENDA DO PALÁCIO DO ARCEBISPO À PREFEITURA | 29 |
| 9 - DOM DELGADO E A REFORMA AGRARIA..... | 32 |
| 10 - DOM DELGADO, O AMIGO | 34 |
| 11 - DOM DELGADO, COMUNICADOR | 38 |
| 12 - DOM DELGADO, PREGADOR DE RETIROS | 41 |
| 13 - DOM DELGADO E OS SEMINARISTAS..... | 44 |
| 14 - DOM DELGADO E O MEIO POPULAR..... | 47 |
| 15 - DOM DELGADO E O EPISCOPADO BRASILEIRO | 50 |
| CONCLUSÃO..... | 52 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 53 |
| BIOGRAFIA..... | 55 |

INTRODUÇÃO

Dom Delgado, pouco tempo antes de renunciar ao governo pastoral da arquidiocese de Fortaleza, em 4 de abril de 1973, escreveu um livro que intitulou *Pedaços de Mim Mesmo*, no qual pretendeu focalizar os problemas do padre, arcebispo de Fortaleza, durante 9 anos, 7 meses, menos 3 dias e 12 horas, em agradecimento a quantos o ajudaram a ser sacerdote, durante os seus 44 anos de ministério¹.

Desejo também eu, nesta monografia, recolher alguns pedaços deste grande homem, que se espatifou de caridade e se aniquilou a si mesmo para defender os mais fracos, os mais pecadores, a “ovelha perdida” e atualizar a igreja particular a ele confiada, fiel às mais profundas intuições do Concílio Vaticano II². Desejo fazer um esforço para apresentar alguns aspectos marcantes do caráter e da ação pastoral deste homem de Deus que gostava também de gado, que como S. Francisco, adorava Deus na natureza e que não dispensava um bom banho de açude.

Várias razões me movem a pesquisar sobre estes aspectos da História da Igreja no Ceará, centrados na pessoa de Dom José de Medeiros Delgado.

A primeira delas é ser fiel ao compromisso comigo mesmo, silenciosamente assumido há 35 anos, de escrever sobre a verdade que conheci a respeito deste pastor.

A segunda razão, decorrente da primeira, nasce de um irrenunciável imperativo moral de justiça: as paixões, violentas paixões, que o caráter ímpar de Dom José provocou, à direita e à esquerda, lançaram sobre a sua figura o véu escuro das maledicências, das fofocas, das “estórias” mal contadas”, criando a seu respeito entre os fiéis e os jovens sacerdotes, um conceito profundamente negativo. Nuvens de preconceitos, calúnias, interpretações maldosas, difamações iníquas, partidas quer da esquerda católica, que não aceitava sua mão firme, quer da direita, muito mais forte e dominante, que o queria do seu lado, quer de membros do clero, por razões contraditórias o tornaram uma figura polêmica, odiada, porque desconhecida e portanto tida como inimiga. Se é tarefa da ciência histórica desfazer as lendas e restabelecer a verdade dos fatos, re-interpretando-os com equilíbrio à luz da documentação existente, chegou o momento, 25 anos após sua renúncia, quando as paixões já perderam o seu fôlego, de reapresentar na sua integridade o verdadeiro Dom Delgado.

¹ Dom José de Medeiros DELGADO. *Pedaços de Mim Mesmo*. Fortaleza-Ce: oficinas do jornal «A Fortaleza», 1973, p. 7.

² Cf. IDEM. *O Mistério da Igreja*. S. Luís-Ma: Tipografia S. José, 1963.

Acredito, pois, que é minha obrigação prestar à Igreja arquidiocesana de Fortaleza e à sociedade cearense um humilde mas essencial serviço: demonstrar a humanidade e inteligência de um homem que tirou da sacristia a Igreja a ele confiada e fê-la preocupar-se com os grandes problemas sociais, sem ceder nem aos comunistas nem aos vitoriosos do golpe militar de 1964, que por brutal desinformação, o tinham como “bispo vermelho”, que lia pela cartilha de outro grande injustiçado, Dom Helder Câmara, fundador da CNBB e arcebispo de Olinda e Recife nos anos duros da ditadura militar. Com efeito, Dom Delgado implantou o Vaticano II, apoiou a ação católica, a educação de base, o sindicalismo, as cooperativas, a reforma agrária, valorizou a mulher e sobretudo soube acolher a “ovelha perdida”.

Busquei a verdade dos fatos através de uma análise ponderada dos documentos da época e do depoimento atual de testemunhas que julguei insuspeitas. Utilizei fontes do *Instituto Histórico do Ceará*, da *Sala de História Eclesiástica da Arquidiocese de Fortaleza*, e os mais de 400 artigos e livros por ele escritos, que guardo em meu poder.

Dom José de Medeiros Delgado foi um gigante, que a Igreja arquidiocesana de Fortaleza não se deu conta de ter possuído, uma figura curiosa e polêmica, como costumam ser todos os grandes homens que conseguem abrir novos caminhos, criticam as estruturas e instituições de seu tempo e não se satisfazem com a mediocridade de repetir o que outros fizeram. Não tenho a pretensão de defendê-lo convenientemente em um simples trabalho como esse. Acredito, porém, que a verdade histórica brilhará por si mesma, depois deste pontapé inicial, dando origem talvez a uma saudável polêmica e confluindo em obra mais alentada, no futuro.

1 - DOM DELGADO E O CLERO

Era bondoso para com os padres. Não fazia distância. Não tinha pose nem a imponência heráldica que caracterizava os príncipes da Igreja. Sua atitude inspirava humildade e amor. Dom Delgado era muito humano com os padres. Era como mãe para aqueles que estavam em dificuldade³. Tinha nessas ocasiões doçura e ternura, oferecendo o testemunho da encarnação da misericórdia divina.

Trazia uma preocupação constante: atualizar o clero, as religiosas e o laicato. Desde o início promoveu cursos de atualização dos seus auxiliares, cursos que, diga-se de passagem, nem sempre eram bem aceitos, como não o era esta sua maneira de se relacionar com os padres, sem a postura formal, distante e autoritária a que estavam habituados.

Outra grande preocupação do Arcebispo, vendo a penúria de muitos sacerdotes, foi a criação de um fundo de manutenção do clero. Com esta finalidade idealizou a venda do palácio do arcebispado, numa época em que a bolsa de valores estava em alta. Aproveitando-se dos bons contatos estabelecidos em Roma, durante os 4 períodos conciliares, conseguiu da Alemanha uma substancial ajuda para a motorização do clero, para a construção entre outros do Seminário Regional *Cardeal Frings*, no bairro Dias Macedo, do novo Carmelo e do Hospital *Cura D'Ars*. Durante o período que esteve a frente da Arquidiocese de Fortaleza, cada padre passou a receber pelo menos dois salários mínimos regionais⁴, a começar pelos mais pobres e necessitados.

Seu temperamento era forte e objetivo. Ia direto aos assuntos sem meias palavras. Quando se excedia com algum padre, sabia pedir desculpas. O Pe. Moacir Leite, vigário de Aratuba, dizia-me pelo telefone há poucos dias: “Dom Delgado era como um pai, às vezes, brigava com a gente, como o nosso pai fazia, agente ficava com raiva dele, mas tudo que fazia era por amor e querendo o nosso bem”.

Uma vez, conta-nos o Pe. Francisco Mirton Lavor, pároco da Igreja de N. Sra. dos Navegantes, os padres estavam num curso de atualização no centro de treinamento de Pacatuba, quando num determinado momento o arcebispo rebateu duramente ao Pe. Luiz Uchoa⁵. Na hora do intervalo, Pe. Mirton lhe disse: “Pe. Uchoa não fique aborrecido porque este é o temperamento dele, mas eu aposto, que daqui a pouco, ele vem lhe pedir desculpas”.

³ Quando Dom Delgado foi nomeado Arcebispo de Fortaleza, o Pe. Miguel Câmara perguntou a um grande amigo dele desde Caicó, quem era o novo Arcebispo. Antônio Furtado disse que era um pai para os padres. Poucas semanas após a posse, Pe. Miguel encontra-se com Antônio Furtado e exclama: “ele não é um pai, é uma mãe”. Fato contado por Mauro Furtado, filho de Antônio Furtado, confirmado por sua irmã Ruth Furtado.

⁴ Cf. Dom José de Medeiros DELGADO. “Governo do Arcebispado de Fortaleza”. IN: «O Nordeste», 18.05.65, Circular nº 2, de 17 de maio de 1964.

⁵ Pe. Luiz Gonzaga Magalhães Uchoa, formado em filosofia e Teologia na Universidade Gregoriana em Roma, com doutorado em Sagrada Escritura no Instituto Bíblico.

O Pe. Uchoa disse que isto era impossível. Não deu outra, conta-nos o Pe. Mirton. Ainda estavam os dois conversando, quando o ofendido sente uma mão tocando seu ombro. Olhou, era Dom Delgado.

– Desculpe, meu padre, à vezes, eu me excedo, é coisa do meu temperamento.

O Pe. Mirton viu rolarem duas lágrimas de emoção do rosto do seu colega. Fatos como este eram comuns àquele santo e humilde arcebispo.

No Palácio onde morava, meu quarto era vizinho ao do Pe. Joaquim Dourado. Uma noite, em alta madrugada, eu ouvi:

– Pe. Dourado! e as pancadas na porta, toc, toc, toc.

– O que é, Dom Delgado?

– Já passou o sono?

– Ainda não, Sr. Arcebispo.

– Santo padre, você não quer fazer uma viagem comigo agora? Pe. Dourado era o motorista principal do Arcebispo, sempre muito disponível.

– Onde o Senhor quer ir assim de madrugada?

– Pe. Dourado, acabo de ler uma correspondência informando que o Pe. Antônio Moreira está sendo ameaçado de morte⁶. Pe. Moreira era um sacerdote simples, sem grande brilho, vigário de Assunção, uma das paróquias de mais difícil acesso, em cima da serra do mesmo nome, hoje pertencente à diocese de Itapipoca. A subida era feita então a cavalo. Depois de tomar um cafezinho estavam os dois rumando para dar apoio a um sacerdote em grande dificuldade, por parte de políticos e latifundiários sem grande escrúpulo.

Atitudes como esta, de dar apoio aos padres em dificuldade, foram uma constante. Então falava valente, como um bom paraibano destemido. Batia no altar e dizia: “para defender meus padres, sou um leão”.

Certa vez, em Guaiuba, depois dos gritos de leão, conclamando o povo para defender seu pároco, Pe. Edvard⁷, o arcebispo ficou na grama do lado de fora conversando numa roda. Era mesmo em cima do olho de um formigueiro. Começou a dar pulos e derrubar as formigas que subiam por sua batina e calça. Foi quando um matuto disse rindo, “que leão é este, que tem medo de formiga!”.

Pe. Francisco Pinheiro Landim, mais tarde Monsenhor, diretor da Radio Assunção e do jornal «O Nordeste», sacerdote de muitas virtudes, porém sem muita sorte na administração financeira dos Órgãos que dirigia, continuamente estava batendo à porta do arcebispo, pedindo recursos. Muitos padres mais ligados à Cúria e ao conselho administrativo, depois de algum tempo, cansados por esta torneira aberta, pressionavam o arcebispo para remover o Pe.

⁶ Cf. IDEM. “Um Problema Máximo”. IN: «O Nordeste» de 01.04.65. E também “O Caso de Assunção”. IN: «O Nordeste» em 08.04.65.

⁷ Pe. José Edvard de Souza, originário da diocese de Sobral, estava temporariamente na Arquidiocese de Fortaleza, e hoje se encontra em Brasília.

Landim e colocá-lo numa paróquia do interior. Ele reagiu: “Eu vendo todos os bens da Arquidiocese, mas não perco um de meus padres por causa de dinheiro. Qualquer padre para mim vale mais do que o Patrimônio material”. Pe. Landim só pediu para sair quando já estava cansado. Dom Delgado deu-lhe um dos lugares mais importantes na cúria arquidiocesana.

Pe. Pedro Vitorino Dantas, vigário de Amontada, num dos momentos de fraqueza, a que está sujeito qualquer celibatário, fugiu com a cunhada. Foi um escândalo inaudito, para quem tomou conhecimento. Pe. Hélio Campos, o santo vigário do Pirambu, apoiado pelo arcebispo, vai à procura do irmão sacerdote, ovelha perdida. Trá-lo para a casa do pai, onde de braços abertos Dom Delgado não somente o compreendeu e acolheu, mas prestigiou-o, dando-lhe um curso de atualização litúrgica de seis meses em Natal, com a incumbência de depois preparar os padres e leigos para a reforma litúrgica do Vaticano II. Além do mais, um lugar importante na Cúria e a Paróquia do Carmo.

A caridade de Dom Delgado o fez cometer muitas loucuras aos olhos de quem não estava acostumado a ver tal heroísmo, aos olhos de Cristo, porém, que teve coragem de se despir da condição divina e morrer na cruz para nos salvar, o julgamento deve ter sido bem diferente. Com efeito, a marca característica das atitudes de Dom Delgado era a prática da misericórdia divina em buscar a ovelha perdida ou tida como tal. Chamava para perto de si, prestigiava-a, e assumia lhe os pecados. Que o diga no céu a legião de sacerdotes e leigos que foram acolhidos pela misericórdia divina, na pessoa deste bispo destemido e resoluto.

Dom Delgado acolheu dois membros da Igreja Brasileira, um sacerdote e um bispo, respectivamente, Dom Simplicio e Pe. Enemias⁸, que pediram abrigo e retorno à Igreja Católica⁹. Colocou-os no Palácio do Arcebispado, enquanto formalizava o processo e os preparava melhor, pois careciam de melhores estudos. Só este assunto dá tema para um livro, a visão ecumênica e pastoral do Arcebispo. Quero apenas relatar um diálogo que se deu comigo.

Um dia sentados só nós dois, após o jantar, na varanda onde costumava repousar por meia hora após a refeição, externei-lhe um problema de consciência que vinha me martelando, há mais de um mês.

– Dom Delgado, estes dois padres da Igreja Brasileira são doidos.

– Brandão, você só diz isso movido pelo preconceito, porque vieram da Igreja Brasileira. Quantos padres desequilibrados você conhece na Igreja Católica e os aceita? Estes dois são ingênuos, sem muito estudo, mas Deus pode se servir deles para fazer muito bem.

⁸ Dom Raimundo Simplicio de Almeida, sagrado na Igreja Brasileira e reconhecido pela Igreja católica, dá assistência as famílias pelo conforto da missa de Corpo Presente nos vários cemitérios de Fortaleza. Pe. Enemias Freire de Almada, é paroco da Igreja do Espírito Santo na Cidade 2000, há 23 anos.

⁹ Cf. José FREIRE. *Pedaços de Mim. A história de vida de Pe. Enemias Freire de Almada: “Teólogo da fé”*. 2ª edição. Fortaleza-Ce: Gráfica e Editora Eclipse, 1997.

Calei-me e fui fulminado pela alma do pastor. Desde esta noite nunca mais falei do assunto. Muitos padres viram a acolhida dos dois como mais uma insensatez do arcebispo. E alguns bons padres, que porém dificultaram o trabalho deles, receberam reprimendas muito fortes do Arcebispo.

Pe. Enemias, pároco da Cidade 2000, que conheceu de perto o arcebispo, sua bondade, misericórdia, fortaleza e, sobretudo, santidade, é um devoto do arcebispo. Sua devoção e gratidão é maior do que de um filho para com um pai. Nunca o abandonou, mesmo depois que seu grande benfeitor se afastou de Fortaleza e se transformou em pregador itinerante. Com muita frequência viaja a Caicó, primeira diocese de Dom Delgado, que teve o privilégio de acolher seus restos mortais, para colocar a flor de suas orações junto ao túmulo quente daquele santo, que continua no céu fervendo de amor e protegendo aqueles que ainda não descobriram a sua grande amizade, particularmente da Arquidiocese de Fortaleza.

Certa vez, contou-me Pe. Mirton, Dom Delgado recebeu um sacerdote que foi lhe pedir recursos e ele o acompanhara. Dom Delgado apontando com o dedo para sua testa, disse-lhe: “eu sei, meu padre, que o senhor não gosta de mim. Eu também não tenho estes amores todos pelo senhor, não, mas fique certo de que como sempre lhe dou todo apoio”.

Pe. Amarílio Rodrigues, um sacerdote muito prendado, mas tímido como em geral eram tímidos todos os que passaram pela fôrma do Seminário da Praínha, certa vez, numa reunião do clero, com a voz um pouco embargada queixou-se de que o Arcebispo não tinha tempo de receber os sacerdotes, enquanto os leigos gozavam de fácil acesso.

– Eu não tenho tempo? Minha porta é sempre aberta e qualquer pessoa pode falar comigo sobretudo se for sacerdote. Estou plenamente disponível e interrompo meus trabalhos a qualquer hora, para atendê-los. Agora, meu padre, chegam alguns calangos a minha porta, botam a cabeça e tiram a cabeça, várias vezes, como é que eu adivinho que o senhor quer falar comigo? Se o Senhor quer falar entre, que o atenderei com muito prazer.

– É que eu tenho vergonha de atrapalhá-lo.

– Aí, meu padre, o motivo é outro. Confesso que terei o prazer de ser atrapalhado cada vez que qualquer padre precisar de mim, a qualquer hora, para isto sou arcebispo. Desde que aqui cheguei, noto que os padres têm medo do Arcebispo como se fosse um bicho que os quer devorar. Pedi até ao Pe. Dourado que construísse a piscina no Palácio para ver se a aproximação se tornava mais amiga¹⁰ e mais informal¹¹. A propósito do depois Mons. Amarílio Rodrigues, foi Dom Delgado quem descobriu a grande vocação missionária e paroquial deste velho professor, nomeando-o para a Paróquia da Paz.

A atitude de radical acolhida do Arcebispo manifestava-se também em relação aos padres casados. Seus gestos de humanidade, bondade e caridade ultrapassavam qualquer

¹⁰ Cf. Dom José de Medeiros DELGADO. “Capítulo V”. IN: *Leis do Amor*. São Luis, 1953, pp. 19-21.

¹¹ Esta piscina, era um tanque, sem filtro, nem azulejo, a que os padres nunca deram bola.

compreensão humana. Um dia o professor José Hortêncio de Medeiros me telefonou angustiado perguntando como é que ele poderia falar reservadamente com o Arcebispo. Eu lhe disse: “pelo que conheço do Arcebispo, ele não fará a menor dificuldade. Na hora que o senhor chegar ele lhe atende, salvo se tiver com outra pessoa no quarto”. Cônego Hortêncio fora durante décadas um dos três homens fortes da Arquidiocese, ao lado de Mons. Mourão e Mons. Camurça. Afastara-se do ministério e da cúpula da Igreja para assumir publicamente a vida marital. Ele era tido como um homem de posses, mas me disse, então, que estava financeiramente arrasado. Depois de longa conversa entre os dois, Dom Delgado me chama e diz: “Brandão, vá com o Pe. Hortêncio ao Banco Popular de Fortaleza e entregue este bilhete ao diretor”.

No caminho, o professor Hortêncio fez-me o mais rasgado elogio ao Arcebispo, contou que lhe pedira ajuda e este dissera: “o dinheiro que tenho é seu”. Por telefone, pediu o saldo da sua conta pessoal no banco e fez o cheque. Não era muito. O bilhete ao diretor do Banco, Oswaldo Vasconcelos, assim rezava: “Atenda ao Pe. Hortêncio no que ele precisar, eu sou o avalista, se o Banco me aceitar”.

Fatos como este, que não foram poucos, são jóias preciosas da grandeza da misericórdia divina que não podem ficar ocultos e ignorados nas fímbrias do tempo, mas propalados para a glória de Deus, para a conversão dos que colocam a lei acima do homem e do evangelho e restauração da imagem de um homem que antes de tudo era gente, o que o fazia diferente do comum dos mortais.

2 - DOM DELGADO E A OVELHA PERDIDA

Uma das características de Dom Delgado em seu múnus pastoral foi sua prática, tida como chocante por muitos bem pensantes, de ir em busca da ovelha perdida. Como quase sempre acontece, as noventa e nove outras ovelhas ficavam muitas vezes com raiva dele, porque valorizava mais os que não prestavam, os mais fracos, sobretudo do ponto de vista moral.

Não se pode dizer que comia e bebia com os pecadores porque beber, não bebia. Nunca o vi com um copo de cerveja ou uísque nas mãos. O único vinho que degustava era o do cálice da salvação. Eu me incluo entre estas ovelhas que viu em dificuldade e chamou para perto de si.

Encontrei-o pela primeira vez no Palácio do Arcebispado em 1963. Eu havia concluído os estudos de Filosofia e Teologia no Seminário da Praínha mas não recebera ainda o subdiaconato nem o diaconato e desejava passar pelo menos 2 anos como leigo, fazendo, eu dizia para mim mesmo, um teste não de celibato, mas de pobreza efetiva, sem voto.

Contei-lhe somente o principal, isto é, que não me ordenara porque desejava fazer uma experiência de leigo. Dom Delgado pareceu entender muito bem o meu propósito, como quem lê na minha alma, minha sinceridade.

– Mas estou à sua disposição, disse-lhe.

– Como? Está a minha disposição? Então, você vai ser meu secretário particular, aceita?

– Só se for como leigo, retruquei¹².

– Como leigo, disse-me ele.

Foi então que passei a conhecer um homem com H maiúsculo e a conviver com um santo sem máscaras nem pieguismo, profundo na piedade, na vivência do mistério da Encarnação, do Corpo Místico¹³, da presença da Trindade em sua vida¹⁴ e na prática do Evangelho, sem aquele moralismo doentio a que éramos acostumados nem apego a tradicionalismos medievais que o Vaticano II fez mergulhar nos museus da história da Igreja; enfim um homem pobre e humilde. Tudo isso em uma Fortaleza que era um reduto do conservadorismo, como muito bem diz o historiador João Alfredo de Souza Montenegro em

¹² Até então, todos os secretários particulares de bispos eram sacerdotes.

¹³ Cf. IDEM. “Governo do Arcebispado de Fortaleza”. IN: «O Nordeste», 08.05.64, Circular nº 1, de 4 de maio de 1964.

¹⁴ Cf. IDEM, *O Tapete de Mistérios*. S. Paulo: Edições Loyola, 1980, p. 9 ss.

seu livro *O Trono e o Altar: As Vicissitudes do Tradicionalismo no Ceará*¹⁵.

Aqui, não posso deixar de lembrar o nome de Sebastião Brasilino de Freitas ¹⁶, a quem Dom Delgado visitou várias vezes no cárcere, e inclusive, usou de sua influência como Arcebispo para oferecer luzes a justiça cega, que, às vezes, é cega mesmo. Se vivo fosse, o depoimento de Brasilino seria um panegírico, para dar ciúme aos mais refinados santos do céu¹⁷. Hoje, junto de Deus, deverá estar dando glórias ao Pai, por tão insigne pastor, que soube imitar tão bem o dulcíssimo Bom Pastor.

Igualmente, Pe. Gerardo Melo muito teria a dizer se vivo fosse. Muitos dos que foram beneficiados por sua caridade heróica, e ainda vivem, certamente não se negarão a fornecer seu testemunho para uma futura publicação mais alentada¹⁸.

Esta atitude constante de acolher os pecadores e “manchar-se” com eles, prestigiando-os muitas vezes em detrimento dos que sempre permaneceram fieis ao patrimônio jurídico, é um dos fatores porque Dom José Delgado não foi bem compreendido e aceito em nosso meio. Segundo os depoimentos que temos este comportamento do Arcebispo não foi inovação aprendida no Vaticano II; já em Campina Grande, Caicó e S. Luís, brincava de bom pastor.

Vale a pena transcrever aqui, quase na íntegra, os testemunhos relatados pelo Pe. Jocy Neves Rodrigues, que conviveu muitos anos com Dom Delgado, viajando com ele nas longas visitas pastorais do Maranhão e na labuta diária pela construção do reino¹⁹:

Foi Dom Delgado quem me proporcionou os primeiros impactos com a Caridade. Antes de conviver com ele, essa virtude, para mim, não passava de atitudes de comiserção, ajudas paternalistas, indulgência triunfalista. No convívio com ele, fui testemunha de atitudes e palavras que me descortinaram toda a amplidão e profundidade do amor-verdade, despido de farisaísmo e maniqueísmo.

Só alguns *flashes* podem mostrar de que natureza foram os impactos que me atingiram e vulneraram até hoje.

Flash A - A alguém que o criticava por não afastar da direção de uma obra alguém que a levava a um fracasso quase certo. “Prefiro deixar morrer uma obra a fazer uma pessoa sofrer para salvar a obra. Temos o direito de

¹⁵ João Alfredo de Sousa MONTENEGRO. *O Trono e o Altar: As Vicissitudes do Tradicionalismo no Ceará*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil S.A.,1992, pp. 185-295.

¹⁶ Sebastião Brasilino de Freitas, foi deputado federal, cassado e acusado de uma série de crimes inclusive homicídio. Acusaram até que tinha planos para incendiar Fortaleza. De tudo foi absolvido.

¹⁷ Através de minha esposa tentei vários contatos com Dona Isabel, viuva de Sebastião Brasilino, prefeita de Banabuiu, ficamos frustrados por não tê-lo conseguido. Ela foi testemunha do relacionamento de Dom Delgado com seu marido.

¹⁸ Muitos foram os testemunhos que solicitamos que não chegaram a tempo desta monografia, mas serão muito mais úteis no futuro em publicação mais rica de detalhes.

¹⁹ IDEM. *Pedaços de Mim Mesmo*. Op. cit. pp.11-12.

nos sacrificar por uma obra, mas não o de sacrificar os outros pelas obras que fazemos”.

Flash B - A um outro que se escandalizava com um telegrama que ele passara dando pêsames a um amigo que perdera alguém com quem vivia em ligação ilícita: “Se ele vivia com ela, é porque queria bem. Se ele queria bem a ela, deve estar sofrendo com a morte dela. O meu telegrama vai dizer-lhe que eu estou sofrendo porque ele está sofrendo. Não conheço sofrimentos ilícitos. Quando Cristo se solidarizou com nossos sofrimentos, não estávamos em situação legal”.

Flash C - A um padre que se queixava do mau proceder de um colega: “Você já celebrou alguma missa por ele?” – Não, senhor. “Talvez seja por isso que ele está assim”.

Flash D - A uma comissão que vinha queixar-se de um padre e começava a desfiar o rosário dos defeitos do padre: “Contem-me as qualidades dele, pois posso aproveitá-las para alguma cousa. Os defeitos não me adianta saber, pois nada posso fazer com eles”.

Flash E - Numa pregação: “A maior insensatez é querer construir uma espiritualidade baseada na castidade. Toda espiritualidade deve basear-se no amor. A castidade é simplesmente derivação do amor. Do contrário se reduz a problema animal fisiológico. Virtude a custa de contenção física é castidade de jumento. Não é virtude”.

Flash F - A alguém que cometera uma falta e se mostrava desanimado. “Tu erraste. Foste imprudente, mas porque amas. Todo amor é imprudente. Amor prudente não é amor verdadeiro, pois uma das leis do amor é o risco. O amor de Cristo para com a humanidade o levou às maiores imprudências. Acabou morrendo daquele jeito por causa de suas imprudências”.

Flash G - A alguém que o criticava por ter dado boa colocação a um padre que cometera um deslize: “Este é que precisa de apoio e de carinho. Os outros não têm necessidade de consolação”.

Flash I - A uma mãe solteira: “Queira muito bem a seu filhinho. É um presente de Deus e não do diabo. Ele vai ajudar você a ser santa e Deus lá nos seus planos de amor, sabe porque consentiu que você passasse por esta queda dolorosa. Ele ama também seu filhinho e o adota como filho dele. Foi o maior presente que Deus já lhe deu.

Comentando estes *flashes*, Dom Delgado diz: “Acredito que saíram de meus lábios. Alguns possuem beleza que é do evangelho. Pertencem, portanto, ao Cristo, não a mim”. E em outra parte diz: “admito poder repetir tudo que ai se encontra”.

3 - TESTEMUNHO DE *DOM BATISTA FRAGOSO*: DOM DELGADO É UM GIGANTE

Dom Fragoso, bispo resignatário de Crateus, conheceu Dom Delgado desde Campina Grande, quando era seminarista. Conviveu com ele no Maranhão e foi seu sufragâneo em Crateus. O seu testemunho sobre Dom Delgado revela fatos importantes que merecem ser conhecidos. Pedi-lhe um depoimento, prontamente atendeu-me, mandando uma gravação de seu pensamento. Ei-lo quase na íntegra²⁰:

Ribamar, tua esposa me telefonou no dia 10 deste mês [outubro de 1998], dizendo que você está encerrando seu curso de teologia e que é uma exigência normal que faça um trabalho de conclusão de curso. Você escolheu como tema Dom José de Medeiros Delgado, seu e meu velho e querido amigo. E você dizia que como eu trabalhei com ele que eu colocasse num papel as lembranças que eu tenho e mandasse para você. Quem sabe, poderia ser útil. Eu disse a sua esposa que não tinha condições de escrever, mas que poderia gravar. Aí começou o tormento. Adquiri duas fitas, fui gravar com meu cunhado, depois de uma hora de gravação não tinha gravado nada. Aí procurei outro jeito, gravei uma hora e meia, depois fomos passar não tinha pegado nada. Hoje vim procurar meu irmão que mora um pouco distante, ele trouxe quatro ou cinco gravadores, este pequenino foi o que funcionou, então estou gravando esta entrevista para você, do pouco que me lembro da vida de Dom Delgado e desejo que você seja um teólogo que encha a boca da gente d'água. Um abraço para sua esposa e para seus filhos.

Dom José de Medeiros Delgado, paraibano como eu, foi sempre um velho amigo. Quando eu era seminarista, ia para o Teixeira, passar uns dias de férias com meus pais. Várias vezes me hospedei na casa dele, que era o pároco de Campina Grande. Uma vez tive um impaludismo muito violento, uma febre forte. Ele me acolheu com ternura e carinho em casa. Eu fiquei querendo bem a ele. Quando em 1942 foi eleito bispo de Caicó no Rio Grande do Norte, no seminário da Paraíba, escolheram a mim que era minorista, para saudá-lo. Lembro-me que procurei saudá-lo com todo o coração. Depois ele foi transferido de Caicó para arcebispo de S. Luís do Maranhão. Lá ele teve um coadjutor, um auxiliar, que é Dom Otávio Aguiar que hoje está velhinho e que não anda mais. Está sempre em casa em

²⁰ A gravação de Dom Fragoso encontra-se em nosso arquivo, na rua Rocha Lima, 364 - Fortaleza-Ce.

Alagoas. Depois eu fui escolhido para ser o auxiliar dele. Fui sagrado em maio de 1957. Em julho eu já estava lá trabalhando com ele. Confiou-me duas tarefas significativas, ser o bispo assistente de toda a Ação Católica especializada e em segundo lugar, ser o bispo da catequese de toda a Arquidiocese. Ela era muito grande, imagine Bacabal, que hoje é diocese autônoma, Viana, hoje autônoma, Coroatá que hoje é autônoma e Brejo que hoje também é autônoma. Todas cinco eram uma só arquidiocese. 60 Paróquias. Procurei acompanhar Dom Delgado, nestes lugares todos. Comecei a Ação Católica especializada pela JOC, porque eu vinha de 10 anos de experiência da JOC. Foi o primeiro assistente o Pe. Alípio Freitas que trouxera de Portugal, quando Pe. Alípio se enamorou pelas esquerdas. Dom Delgado me mandou ao Canadá para ordenar em Nicolleto o Pe. Manuel de Jesus. Este se tornou depois o assistente diocesano da JOC. Depois foi assistente nacional. Foi preso. Depois deixou e se casou e hoje é professor de Teologia, no Rio de Janeiro. Depois disto trabalhei com a JAC, com o Pe. Luiz Mário Lula, de Pedreiras e a JAC começou a se implantar na Arquidiocese. Depois disto comecei a Ação Católica Operária, com o casal José do Patrocínio e a sua esposa, muito pobres, negrinhos, muito amigos de Dom Delgado e meus. Pe. Miguel Candas, que veio de uma diocese da França, foi o acompanhante e assistente. Assim Dom Delgado impulsionou a Ação Católica especializada, com carinho, me dando carta branca e tendo muita confiança no meu trabalho de auxiliar. Para a catequese, Dom Delgado autorizou que eu fizesse as semanas catequéticas paroquiais. Fizemos no ano de 1958, 60 semanas catequéticas, uma em cada paróquia, mobilizando pais, professores, catequistas e tanta gente interessada. Depois em 1959, fizemos outra semana em cada paróquia e igualmente em 1960. Depois, nos distritos principais das paróquias, deste modo pudemos suscitar muitas centenas de catequistas. Começou um trabalho de formação deles, com o Departamento Arquidiocesano de Catequese. Para isto eu tive sempre a benção, a cobertura e o apoio integral de Dom José de Medeiros Delgado. Eu fui um auxiliar que fiz unidade com ele, mesmo se nós pensássemos diferente em certos pontos da pastoral, da eclesiologia. Mas mesmo assim (reforça Dom Frágoso) fizemos unidade. Era um testemunho maior que me deu grande encorajamento. Dom Delgado era um gigante, tinha grandes sonhos. Ele pensou na promoção do povo do Estado do Maranhão que era muito marginalizado. Então procurou o Ministério da Educação, procurou o Governo do Estado, e outras pessoas importantes e não encontrou interesse em suscitar uma universidade. Então ele resolveu criar uma universidade católica. Era um arrojo. Lembro-me da primeira reunião nós éramos cinco pessoas. Quando eu disse, Dom Delgado aqui a faculdade de direito e outras faculdades são muito anticlericais, o senhor vai encontrar muitos ataques e

resistências. Ele disse, “não sejamos covardes”, vamos fazer já. E fez. Colocou-me como primeiro reitor dessa universidade católica. Lembro-me que era o tempo das grandes crises, era o tempo das greves gerais no Brasil, com os universitários do Brasil, mais vivos e mais criativos do que o corpo de professores e reitores dos fóruns nacionais de reitores. Os estudantes propunham uma universidade pública e não particular, não confessional, gratuita aberta a todos e propunham também uma universidade presente ao povo e as lutas do povo. Queriam também, que um terço dos universitários integrasse o conselho da universidade. Como lá em S. Luís nós já tínhamos concedido um terço, eu achei com o conselho da universidade que não se devia permitir a greve e marcamos os exames no tempo oportuno, mas os estudantes fizeram greve e não queriam fazer as provas. Um dia eu estava na reitoria, quando o Cônego Antônio Bonfim, diretor da faculdade de filosofia, me telefonou dizendo:

– Invadiram a faculdade, colocaram fora os professores e alunos, estão ocupando a porta de entrada com a bandeira do Brasil e do Maranhão e não permitem a entrada de ninguém. O que é que se faz?

– Espere que vou lá.

Fui de batina. Lá me deixaram entrar. Encontrei uma moça somente.

– Está fazendo exame? – Não, porque o professor não tem coragem de subir, desafiando todo esse grupo revoltado de alunos. – Vou buscá-lo.

Trouxe-o e disse:

– Dite a prova para ela.

Fez a prova. Mas depois cadê coragem para descer. Então eu os peguei pelo braço e descemos debaixo de vaias e fui entregá-la a seu pai que a aguardava.

Então eu disse aos grevistas:

– Abram aqui a porta para que os alunos possam entrar.

Então o presidente da Associação Maranhense de Estudantes, que tinha feito curso de agitação e propaganda em Moscou, pelo partido comunista disse:

– Não, não abriremos.

– Vocês vão abrir, eu chamarei a polícia.

– Se o senhor chamar a polícia haverá derramamento de sangue.

– Depende de vocês.

Chamei a polícia e disse-lhes:

– Nenhuma pancada em alguém. Eu ficarei junto de vocês, quero que desobstruam a porta, deixando livre a passagem para quem quiser fazer o exame. Quem não fizer, levará zero. Então serão uns quatrocentos alunos pobres que ficarão com zero se não quiserem fazer.

Então, quando a polícia pegou o presidente para afastá-lo, as moças caíram em cima para puxá-lo também e uma delas, com a unha provocou um pequeno derramamento de sangue no braço. Então, ele foi à farmácia vizinha, botou mercúrio cromo nos dois braços, levantou os braços no microfone e gritou:

– Fui agredido covardemente pela polícia do senhor reitor.

Uma vez aberta a porta, podia entrar quem quisesse e eu pedi a polícia para ficar lá, armada, de prontidão, mas eu fiquei juntinho para que não houvesse agressão alguma da parte da polícia. Da parte dos estudantes houve muitas. Subiram nos caminhões, gritavam nos microfones, insultando o senhor reitor, os professores e a polícia. Nenhuma pancada a polícia deu, embora com raiva e revoltada, doidinha para agredir mas eu lhes disse não.

Quando cheguei em casa contei a meu querido amigo, Dom Delgado, que era o chanceler da Universidade.

– Você foi covarde, devia ter mandado a polícia bater.

Isto é, num momento impulsivo Dom Delgado era esse homem, cangaceiro, filho de fazendeiro do sertão da Paraíba, com uma coragem fora do comum. Não tinha medo de nada. Homem dos grandes arrojos, dos grandes sonhos. Eu era mais tímido e achava que não devia utilizar nunca os meios violentos. Agente se desencontrava nessas cousas, mas fazia uma unidade profunda todo tempo. De modo que eu sou muito reconhecido a Dom Delgado, porque me abriu esse crédito total de confiança e me deixou agir com liberdade e com criatividade.

– Lembro de outros pequenos episódios. Um dia disseram a ele, “Dom Delgado você esta sendo convidado para fazer uma conferência na faculdade de direito”. Ele aceitou. No dia, avisaram que os estudantes formaram fora duas alas e que iam vaiá-lo na hora que passasse. Eu disse, “Dom Delgado não vá, não”.

– Vou, eu não sou covarde.

Foi, enfrentou e fez. Sempre ele foi assim.

Dom Delgado pensou além da formação de quadros para o desenvolvimento do Estado do Maranhão, pensou muito nas cooperativas porque queria o desenvolvimento rural da Arquidiocese toda inteira e a situação era de extremo subdesenvolvimento, como se dizia naqueles tempos. Dom Delgado fez semanas ruralistas, com patrocínio do ministério da agricultura. Numa dessas em 1958, a estatística foi esta: o Estado do Maranhão tinha 150 mil quilômetros de terras devolutas, e mais da metade do Maranhão é região amazônica, é terra fértil e terra de chuvas. Todo o estado coberto de babaçuzais, catorze milhões de palmeiras de babaçu, que são uma riqueza. Dão doze produtos diferentes na sua utilização e era disso que o povo subsistia. Dom Delgado, então pensou no desenvolvimento rural,

para isso pensou nas cooperativas. Como não tinha gente especializada ele pegou o Pe. Sidney Castelo Branco e o Pe. Leonel e mandou os dois ao Canadá inglês, a uma universidade de cooperativismo, que eu visitei. Eles fizeram um ano inteiro de cooperativismo, para na volta, animar o movimento cooperativista em toda a diocese. Foi um gesto de ousadia e de coragem naqueles tempos de extrema pobreza. Depois Dom Delgado pensou em um banco cooperativo porque os bancos nacionais e cooperativistas não facilitavam o crédito. Eram muito exigentes nos juros e na prestação de contas. Dom Delgado então pensou nisso e fez um banco cooperativo. Lembro-me muito bem como funcionava esse banco.

Dom Delgado se mostrou um homem também de grande ternura. Havia alguns padres de quem se falava mal. Diziam que os padres tinham mulher, filhos e se criticava muito. Os políticos aproveitavam isso e Dom Delgado deu sempre um apoio, um gesto de ternura, um acolhimento amigo de irmão a cada um desses padres. Dom Delgado era um homem desse jeito. Lindo como coração.

Também Dom Delgado pensou em resgatar a história da Igreja do Estado do Maranhão e encarregou, Dom Felipe Conduru Pacheco, que era um bispo já resignatário, para que ele buscasse os documentos de duzentos e cinquenta anos de Igreja, todas as cartas pastorais dos bispos e fizesse a história. Ele classificou todas as cartas pastorais do passado e fez oitocentas páginas de história da igreja. Dom Delgado era um homem assim que acreditava que não se forma um povo, se não se resgata a memória e a história desse povo, se não tem um projeto que unifique a luta do povo hoje, se não tem uma utopia mobilizadora para o amanhã. Nessa linha lutou todo tempo.

– Também um outro gesto que nunca mais posso esquecer é o desprendimento de Dom Delgado. Era pobre. Na verdade não tinha nada. As roupas dele eram as irmãs que davam. A diocese não tinha nada, a mim reitor e auxiliar pagava uma ninharia e a ele a mesma coisa como chanceler e arcebispo. Recebia uma ninharia, não dava para comprar roupa. Assim Dom Delgado me deu um testemunho maior de desprendimento e doação total. Também me lembro que Dom Delgado pensou que tinha feito a universidade como a sua filha, fruto do seu coração, sonho dele.

Logo que foi transferido para Fortaleza, eu o procurei e disse: “Dom Delgado, o senhor é um gigante, o senhor tem muito prestígio nos ministérios e por todo canto. O senhor poderia conseguir dinheiro, mesmo pouco, mas conseguir dinheiro, para sustentar a universidade. Eu não sou conhecido, não tenho condições. O Senhor me permite que eu vá ao ministério entregar a universidade?”. “Ele disse: Vá”.

Eu fui e o ministério mandou um professor universitário, fez um levantamento total e foi criada a fundação universidade do Maranhão e na escritura pública, foi doado terreno, prédios, biblioteca, tudo, e não pedimos em troca nada, nem uma aula de religião, ou aula de teologia porque parecia a mim e ele apoiou, que a Igreja fazia suprindo, mas que a missão de fazer universidade era do Estado. Não só do Estado, era da sociedade. A sociedade que deve fazer. Sociedade política ou sociedade civil mas é a sociedade que deve fazer, responder a necessidade de formação dos cidadãos. Por isso a Igreja não deveria estar tendo universidades e faculdades. Fez por necessidade, fez porque ninguém quis fazer. Fez para suprir e porque amava aquele povo. Também hoje a universidade tem muitas faculdades, tem laboratório, mais equipamentos, paga muito melhor aos professores, tem muito mais alunos e isso não teria acontecido, se nós tivéssemos ficado com nossa universidadezinha católica, só para dizer que era católica.

Dom Delgado era um homem de vista larga. Daí ele veio para ser o arcebispo metropolitano de Fortaleza. Você o conhece bem. Em Fortaleza, o que achei admirável em Dom Delgado foi ter sido o primeiro fazer a unidade dos bispos do Maranhão, Piauí e Ceará, que era o regional Nordeste I ou MAPICE. Agente se reunia muitas vezes, em rodízio pelos três estados. Dom Delgado estava sempre presente e foi um estímulo para nossa união. Se hoje os bispos se querem bem, mesmo que sejam diferentes sua eclesiologia sua pastoral, mas nós nos queremos bem, agente se reúne entre irmãos e amigos, foi por causa de Dom Delgado em grande parte.

Também Dom Delgado sendo pobre, pensou que precisava ter maioria de ações no Banco Popular de Fortaleza, então ele propôs a nós vender o Palácio do Arcebispo que fica por trás da Igreja da Sé para a Prefeitura. Nós concordamos. Ele deste modo pode ter ações majoritárias no Banco. Era assim arrojado, mesmo que alguns discordassem dele. Mas ele foi firme, sua consciência pedia e foi até o fim, e não recuou.

Também de Dom Delgado eu tenho a impressão de que foi um homem que teve uma grande caridade, uma grande ternura unidas a uma firmeza grande. Frei Leonardo Boff, num dos seus livros sobre S. Francisco põe como título, S. Francisco Vigor e Ternura. Isto é Dom Delgado. Homem certo. Eu fui muitas vezes testemunha disto. Homem vigoroso a ponto de muitas pessoas se chocarem, se afastarem dele, criticarem muito. Foi um homem que articulou, o que é muito difícil, vigor e ternura na sua vida episcopal.

Também no Estado do Ceará Dom Delgado conseguiu uma ajuda externa preciosa, porque os recursos das dioceses eram pequenos. A Arquidiocese de Colônia, do cardeal Frings ajudava a Tóquio depois das

bombas de Hiroshima e Nagasaki, porque Tóquio caiu na miséria, só havia menos de meio por cento de católicos que não tinham condições de sustentar a Igreja. Então a Arquidiocese de Colônia ajudava muito. Quando eles conseguiram levantar-se, mandaram dizer que não precisavam mais de ajuda. Então um deputado amigo de Dom Antônio Lustosa indicou a Arquidiocese de Fortaleza que é muito pobre. Começou a ajuda. Dom Delgado chega, e conta para nós e nós dissemos que estava muito bom que ajudasse a Arquidiocese, mas as dioceses do interior são mais pobres ainda. Ele mandou dizer para Colônia e ficaram mandando cinquenta mil marcos por ano para cada diocese do Ceará. No caso de Crateús era mais que todo o orçamento de um ano.

Dom Delgado mobilizou recursos para o Seminário com seus cursos de Filosofia e Teologia e para várias obras que queria realizar.

Homem de grandes realizações e de grandes obras. Aqui só para nós uma pessoa dizia, Dom Delgado põe ovos muito grandes que ninguém pode chocar. Só ele mesmo. Seus projetos eram tão grandes, que era muito difícil para um pobrezinho de um auxiliar, ou um substituto, poder por em prática ou realizar.

Ribamar eu penso que de tudo isto você já sabia e muito mais do que isto, você privou da intimidade dele, você o conhecia mais de perto. Eu desejo que o seu trabalho de conclusão de curso, seja uma fonte de alegria e ajude muito os outros a resgatar a memória de um homem que marcou gerações.

4 - DOM DELGADO E A AÇÃO CATÓLICA²¹

Na sua primeira carta pastoral, escrita no Rio de Janeiro, em S. João Batista da Lagoa, no dia 10 de maio de 1941, fala de 3 assuntos para sua primeira diocese, Caicó: Vida Cristã, Paróquia e Ação Católica. Na página 41 demonstra o arroubo de sua paixão missionária:

Nada sabemos da diocese e de suas possibilidades, mas, enquanto os fatos não nos disserem outra coisa, julgamos que não há um recanto da terra, onde houver pároco e fieis, em que não se possa e não se deva fundar a Ação Católica. Não é às pressas que iremos a sua realização, mas, ninguém tem mais o direito de demorar, sem fim, seu início. Tomaremos pessoalmente a direção deste cometimento eminentemente diocesano...²²

Também em Fortaleza, desde a primeira hora Dom Delgado deu total apoio a Ação Católica²³. Abriu e escancarou para ela as portas do Palácio do Arcebispo.

Um dia me convida para aceitar ser assistente da Juventude Operária Católica - JOC por não ter encontrado um padre disponível. – Dom Delgado, mas eu sou leigo. – Sim, mas quem dá o mandato sou eu, o metropolitano. Aceitei, incontinentemente, com muito amor, a JOC de Fortaleza, cresceu em pouco tempo, a ponto de mandar alguns de seus militantes para compor a equipe internacional na Bélgica, Ironi e Auxiliadora e para o Nacional no Rio, Antônio Pinheiro. Tínhamos núcleos em quase todos os bairros de Fortaleza, em diversas fabricas, junto as domésticas, desempregados, comerciários. Era uma apoteose no meio popular. Vários seminaristas foram preparados para assumi-la mais tarde. Devo aqui confessar um pecado e um equívoco da minha parte. Pensava eu com orgulho que o grande sucesso e trabalho se fazia pela equipe dirigente de que eu fazia parte como assistente. Hoje devo confessar o engano. A JOC cresceu e se fortificou porque Dom Delgado dava total e irrestrito apoio. Percebi isto, lendo o depoimento de Dom Frágoso. Obrigado Dom Frágoso por mais este farol que o senhor abriu na minha inteligência para melhor entender Dom Delgado.

O Santo e humilde pastor era assim, não atraía para si os louros nem se destacava, mas fazia tudo convergir para seus auxiliares. Ele só aparecia com força na hora da dificuldade. Lembro-me quando ele pessoalmente pedia a sacerdotes que fossem deixar em suas combis,

²¹ Cf. Dom José de Medeiros DELGADO. *O Homem e a Comunidade*. Rio de Janeiro: Agir, 1956.

²² IDEM. *Primeira Carta Pastoral: Vida Cristã, Paróquia, Ação Católica*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica. 1941, p. 41.

²³ Cf. IDEM. “O Leigo e a Consagração do Mundo”. IN: «O Nordeste» de 21.05.64. E também, IDEM. “A Ação Católica e a Política”. IN: «O Nordeste» de 22.05.64.

os operários da JOC para os encontros na Serra de Pacatuba. É fácil de entender o constrangimento de sacerdotes, servindo de motoristas para simples operários.

Os jocistas tinham entrada franca no refeitório e até na geladeira do arcebispo, modelo de pobreza. Muitas reuniões e dias de estudo eram feitos nas dependências do Arcebispado. Não é difícil entender o conceito que alguns doutos sacerdotes, formados na inviolabilidade do recinto episcopal faziam do Arcebispo. Embora ficassem calados.

A Ação Católica Operária, ganhou sua sede, uma sala em recinto do Arcebispado, e o arcebispo estava informado de viva voz de todos os sofrimentos e constrangimentos que a classe trabalhadora sofreu no tempo da Revolução. Transcrevemos trechos do depoimento gravado de Maria Amélia Leite.

5 - DOM DELGADO E A CLASSE TRABALHADORA:
TESTEMUNHO DE *MARIA AMELHA LEITE*

Maria Amelia Leite era militante da Ação Católica Operária em Fortaleza, juntamente com Dolores Borges e outros. Faziam a evangelização da classe trabalhadora a partir do método Ver, Julgar e Agir. Tinham uma atuação forte no meio operário, quando se deu a revolução de 31 de março de 1964.

Ela teve uma ligação muito grande com Dom Delgado, conforme o seu depoimento:

Vou contar alguns acontecimentos que revelam quem era Dom Delgado, por causa do papel que ele teve junto de nós todos que estávamos neste luta pela valorização dos operários e não só isto, agente tinha um sonho que era a Igreja de Fortaleza assumir esta luta operária. Na verdade era um sonho, porque difícil demais. Antes de Dom Delgado chegar a Fortaleza visitamos vários sacerdotes, todas as paróquias, colocando a realidade operária de várias categorias que acompanhávamos. Então desejávamos que algum sacerdote se envolvesse como assistente espiritual da ação católica operária. Ficamos arrasados porque muitos deles estavam assoberbados de problemas de toda ordem.

Então, fomos visitar Dom Delgado logo que assumiu. Nunca me esqueço da alegria dele quando agente contou nossa história. Ele ficou assim como menino, feliz da vida de descobrir uma ponte enorme. Não sei o que ele sentiu. O que agente sentiu é que nosso trabalho coincidia com o que ele desejava fazer. Foi impressionante como ele aderiu ao nosso projeto, como ele assumiu essa proposta. Propôs imediatamente, convidar e fazer uma reunião com os padres para eles ouvirem o quadro e o panorama da classe trabalhadora. Ele assumiu e realizou no próprio palácio do bispo, inclusive fez uma ponte no riacho Pajeu e realizou um almoço dos padres conosco, num ambiente lindo, debaixo das arvores. Nós ficamos tão tontos que não acreditávamos. Ele era muito imediatista, não tinha de esperar nada.

Depois agente sentiu que isto não foi uma cousa boa para o prestígio dele. Foi bom para nós, mas pareceu uma cousa absurda que o bispo aceitasse ouvir os padres sobre uma questão que, de fato, não estava muito interessante para eles, a questão operária.

Depois disto houve outro acontecimento incrível, foi o primeiro retiro que ele fez com o clero de Fortaleza. Foram 3 etapas. Ele convidou a mim e

o Pinheiro²⁴ para fazer a mesma conversa com todos os padres, Não era mais os vigários de Fortaleza, mas todos da Arquidiocese. Nós fomos 3 vezes a Baturité para fazer isto. Lembro-me que nesse tempo eu fumava como uma caipora. Ele não se importou. Os padres danados de raiva, eu fumando lá na mesa, falando para os padres no retiro. Eu naquele tempo não conseguia viver sem fumar. Era um momento duro, muito difícil, politicamente complicado demais, com toda uma perseguição. A atitude de Dom Delgado deu uma força muito grande a gente, ajudou muito. Começou a inquietar muita gente contra nós. A partir daí tivemos uma entrada muito grande e muito franca e solidária. Dom Delgado nos deu uma sala lá em baixo, uma sala bastante grande, no Palácio, para a Ação Católica Operária. Lá nos tínhamos um local onde recebíamos os militantes, onde guardávamos o material, onde agente trabalhava, se encontrava, se reunia, fazia encontros. Nós fazíamos muitos encontros lá dentro do Palácio. Com o golpe ele nos acolheu, nunca deixamos de nos reunir, de discutir, de receber os militantes, dentro de um espaço sagrado. Acho que era um espaço sagrado que a classe operaria tinha de apoio e encaminhamento das nossas ações. (à sombra do pastor que nos dirigia por caminhos seguros).

O que eu acho que era notável em Dom Delgado, é que, ele nos tratava como gente, como pessoa, como jovens. Eu não era tão jovem. Já tinha meus mais de trinta anos. Era uma cordialidade. Nós jantávamos com ele, toda noite no Palácio, cada vez que agente ia lá de noite. Saíamos do trabalho, íamos a missa na Igreja do Rosário, que eu não sei até que ponto era ele que sustentava aquela missa de Pe. Tarcísio Santiago que trabalhava muito com a ação católica, onde agente também tinha um espaço muito grande de apoio não só na reza, na oração, na partilha da missa diária de 5 horas da tarde, que tinha uma freqüência enorme de toda a ação católica e das pessoas que estavam de alguma sorte machucadas. Agente não falava muito, mas ouvia uma palavra forte de conforto e animação e de informação, porque o grande problema nosso era a informação, nessa fase da ditadura. Nós tivemos muitas visitas de padres que eram correios ambulantes que visitavam o Brasil todo, que traziam notícias das torturas e prisões de amigos nossos.

Um outro fato muito importante era o acolhimento não só a nós operários mas a toda a ação católica, aos jovens e adultos. Todo ano, desde que chegou aqui, Dom Delgado fazia um retiro conosco. Era um retiro aberto de muita comunicação, de muita alegria e de muita brincadeira. Que não ficava naquele ritual católico de tristeza, mas que era um retiro. As pessoas se admiravam porque nos retirávamos em pleno carnaval. Era um

²⁴ Dr. Antônio Pinheiro de FREITAS, militante da Juventude Operária Católica, hoje vice prefeito de Itapipoca.

momento de tanta gratuidade, de tanta felicidade, de tanta alegria de tanta partilha entre nós e ele assumia as despesas do retiro. Às vezes, era em Paracuru, outras em cima da serra da Pacatuba. Aquela casa da Pacatuba foi um local de muito encontro. Na fundação do secretariado nós tínhamos um espaço garantido. Depois que Dom Delgado saiu perdemos o direito de falar, ficou um secretariado fechado.

Nós editamos um documento²⁵, Nordeste, Desenvolvimento Sem Justiça, e fomos entregar na Décima Região e as outras autoridades. Nós sofremos uma represália muito forte. Dom Delgado deu um apoio muito grande nesse momento. Nós operários sentíamos Dom Delgado como alguém, que está tão próximo de nós, tem um carinho, uma familiaridade e que sobretudo acreditava em nós. Isto era a cousa mais importante que ele fazia.

Nesse tempo, também com a nossa ajuda e informação, Dom Delgado, talvez no nordeste foi um dos bispos que teve a posição mais firme e mais corajosa contra a ditadura. Ele tinha informação de tudo. Passávamos para ele tudo que acontecia. Quando ele falava, fazia-o com conhecimento real. Ele não inventava. Não éramos somente nós operários o pessoal de JEC, JUC, JIC, JAC, pessoas que se destacam como lideranças na sociedade.

Uns se afastaram da Igreja devem ter lá suas razões. Mas outros se mantêm firmes procurando viver uma religião engajada num compromisso com a melhoria da sociedade.

Nós éramos perseguidos pela Igreja conservadora, mas Dom Delgado nunca nos abandonou.

A semana do povo de Deus, foi um momento tão lindo, de tanta alegria, aquele teatro cheio de gente, com Dom Helder lá dentro, pequenino e grande ao mesmo tempo. Foi um tempo grande de muito apoio, de muita alegria de muita segurança e de uma esperança enorme de uma Igreja que era de fato outra Igreja, que não tem mais esta Igreja. Esta morreu. Pode ser que não morreu, mas não existe mais. Aquela semana de Dom Fragozo aqui na Universidade. Qual era o bispo que era convidado para a universidade para os jovens? Porque os jovens tinham um caminho fantástico, destemido, estavam enfrentando a ditadura, os policiais, as torturas, os militares e toda essa cambada de civis que faziam o que os militares queriam. Quantas vezes nós fomos a Universidade Federal para ouvir Dom Fragozo e que alegria enorme naqueles encontros de campanha, animação cantos, discursos e passeatas. O grande Pe. José Maria Costa, ordenado por Dom Delgado, que foi o animador em plena ditadura. Foi fantástica aquela ordenação do Pe. José Maria.

²⁵ Nordeste, *Desenvolvimento sem Justiça*. Documento da Ação Católica Operária. Recife, 1967.

Em 1967 começamos um trabalho em Aratuba a convite do Pe. José Maria. O que nos sabíamos, é que, agente precisava fazer uma Igreja que nasça do povo. Não tinha o nome de comunidade de base. Era uma nova forma. Em vez de o padre ficar só na sede da paróquia, ele ia para os sítios dos lugares mais distantes... estávamos profundamente influenciados pelo Vaticano II, Igreja povo de Deus. Igreja que ia para onde o povo está, onde o povo sofrido vivia. Aratuba foi o nascedouro das comunidades de base aqui no Ceará. Pe. Ernane Pinheiro, secretário de Dom Helder em Recife, num encontro, pediu-nos relatar a experiência de Aratuba. Estava lá Dom Helder, Dom Aloisio Lorcheider, foi lá que o conheci, Dom Pedro Casaldaliga, tinha um grupo grande, era um encontro regional com repercussão nacional, era um grande acontecimento a nível de Igreja do Nordeste. Lá eu coloquei a experiência da Arquidiocese de Fortaleza, a partir das comunidades de base de Aratuba. Sem Dom Delgado nós não teríamos feito o trabalho das comunidades de base que atingiu as cidades da serra, Canindé e Quixadá.

Eu tenho remorso de não ter depois procurado Dom Delgado, porque a vida é muito cheia, mas acho que a gente fez uma cousa muito ruim. Quantas vezes estive em Recife e nunca fui lá. Agente sabia que ele era um pouco, nosso pai. O importante é que ele não queria nos manipular. Era o contrário do que diziam. Diziam que eu era a rapariga do Dom Delgado, a prostituta. Não é verdade. Ele nos respeitava, nos dava liberdade de ação, e nos retiros nos formava²⁶.

²⁶ A gravação de Maria Amélia LEITE se encontra em nosso arquivo à Rua Rocha Lima, 364 - Fortaleza Ce.

6 - AS RELIGIOSAS E O VATICANO II

Nada escapou à mente esclarecida do arcebispo. Ele sabia atrair auxiliares e lhes confiava tarefas específicas. Um grande auxiliar de Dom Delgado, que prestou um trabalho imenso à Igreja a partir da Arquidiocese foi Dom Gérard de Milleville, um arcebispo francês, expulso da África, que Dom Delgado encontrou durante o Concílio e convidou para trabalhar em Fortaleza. Confiou-lhe o difícil, então, *múnus* pastoral das religiosas. Dom Gérard pouco a pouco foi penetrando e congregando e atraindo as superiores para uma caminhada comum de atualização, colocando na prática Cristo Jesus a frente do santo fundador, que foi grande porque o seguiu, priorizando o evangelho às regras, que eram boas na medida que nele se fundavam e sem desfigurar o carisma específico de cada congregação, destacar a grande missão contemplativa, de testemunho e de evangelização dos que por vocação se consagravam totalmente ao serviço do Senhor²⁷. Fez-lhes o grande apelo a comunhão e à opção preferencial pelos pobres com maior razão porque tinham o voto de pobreza. Foi um movimento muito bonito e sólido. Animou as religiosas a estudarem particularmente a teologia, morarem em casas menos suntuosas e viverem mais em contato com o povo. Como sempre, Dom Delgado estava por trás, muito satisfeito, e dando todo apoio. Porém, ele se escondia como sempre na sua humildade, fazendo destacar em primeiro plano o magnífico trabalho de seu auxiliar.

Os colégios católicos ao invés de concorrentes entre si, passaram a ser colaboradores, numa missão árdua de evangelizar a juventude a partir dos mais pobres e não dos mais ricos, sem excluí-los, porém, mas sem priorizá-los, como é uma tendência muito normal, dar apoio maior a quem ajuda financeiramente.

Toda semana aos domingos havia reunião de formação e atualização. Sempre que podia Dom Delgado pregava retiros, fazia palestras, mas entregava a tarefa maior a Dom Gérard com quem fazia unidade e dava total apoio e liberdade de ação. Fortaleza foi efetivamente um polo muito importante na abertura das religiosas ao Vaticano II, que se irradiou pelo Nordeste e por todo o Brasil, graças a mobilidade das mesmas. A C.R.B. Conferencia dos Religiosos do Brasil em Fortaleza, tornou-se muito atuante e autêntica, o mesmo se diga da A.E.C. Associação dos Educadores Católicos²⁸.

²⁷ Cf. Dom José de Medeiros DELGADO. "Páscoa de 1969". Oferta das Josefinas. parte III.

²⁸ Mulheres, como Irmã Maria Montenegro, considerada uma das 10 mais inteligentes do Ceará troca a direção do tradicional Colégio da Imaculada Conceição, pela favela. Não é pequeno o séquito de religiosas anônimas de varias congregações que hoje adoram o Cristo no submundo de nossa cidade onde se opera a Encarnação e a Redenção do Verbo em suas vidas, verdadeiro dom de si.

7 - O BANCO POPULAR DE FORTALEZA

Em 1958 eu cursava o Seminário Maior e assistia aulas de contabilidade ministradas por Mons. André Camurça, quando alguém perguntou pelo Banco Popular que pertencia a Arquidiocese. Ele respondeu simplesmente que a Igreja perdera o controle do Banco e a diretoria composta de bons católicos havia sido omissa, subserviente aos interesses de um dos diretores.

Quando chegou a Fortaleza, Dom Delgado percebeu logo que necessitava de um instrumento produtivo que servisse de apoio ao clero e às classes menos favorecidas, bem como aos agricultores, fanático que ele era pelo cooperativismo²⁹, reforma agrária³⁰ e desenvolvimento rural. Provocou de imediato uma reunião com a diretoria do banco e tomando conhecimento que a Igreja perdera o controle, mesmo incluindo as ações das dioceses e do Círculo Operário, com a força e autoridade moral que lhe era peculiar, exigiu que a diretoria repusesse as ações da Igreja, para que ela ficasse com 51% das ordinárias que davam direito a voto.

Edmundo Morais, diretor já velho, recorda com orgulho que transferira parte de suas ações para que a Arquidiocese recobrasse sua maioria.

Este assunto não foi divulgado, nem o clero tomou conhecimento dele. O sigilo bancário nos obrigou ao silêncio³¹. Nesta monografia, passados esses decênios, sinto a obrigação de revelá-lo. Porém, muito mais teria a dizer, que escandalizaria a qualquer um. O Banco, antes da chegada de Dom Delgado, fazia um trabalho contrário ao da Igreja. Com efeito, os cabarés do centro da cidade, que exploravam o sexo e a escravidão de muitas mulheres, tinham conta corrente e de empréstimo no Banco e seus proprietários eram ali muito bem recebidos. Tudo, porém, era negado aos padres e à Igreja, considerados *persona non grata*.

Querem um exemplo? Um dia Pe. Miguel Câmara, já eleito bispo auxiliar, pediu ao superintendente, José Barreto Parente, que tudo resolvesse no banco, um empréstimo de mil e duzentos cruzeiros da época, para o Bom Pastor que tinha um patrimônio razoável, um terreno enorme em Jacarecanga, avaliado em quatrocentos mil cruzeiros. O diretor negou, dizendo

²⁹ Cf. Dom José de Medeiros DELGADO. *Cooperativismo e Desproletarização*. IN: Série Maranhão Rural, n.º. 7, S. Luis: Tipografia S. José, 1957.

³⁰ Cf. Idem. *Problema da Terra. Temário da VIII semana ruralista do Maranhão*. IN: Série Maranhão Rural, n.º. 8, S. Luis: Tipografia S. José, 1958.

³¹ Cf. Lei 4595/64 art.38 e seus parágrafos.

que o banco não tinha caixa. Dom Miguel saiu por uma porta e eu, que ouvira a conversa, fui direto ao arcebispo e contei o que se passara. No dia seguinte Dom Miguel estava recebendo o empréstimo do Bom Pastor. Pouco a pouco o Banco foi servindo a seu objetivo, não obstante ter tantas irregularidades que se poderia considerá-lo quebrado.

Ao contrario do que muita gente boa, mas muito mal informada pensa, Dom Delgado foi o grande restaurador do Banco Popular de Fortaleza. No dia em que a Superintendência da Receita Federal deu o prazo de 8 horas para a diretoria recolher aos cofres da união duzentos mil cruzeiros, recebidos e não recolhidos, sob pena da prisão dos diretores, o próprio Dom Delgado, juntamente com o novo Presidente trazido por ele, Oswaldo Dias Vasconcelos e com José Afonso Sancho, fez uma visita ao “grande comandante” Edson Queiroz, às 16 horas. Meia hora depois o cheque estava nas mãos do superintendente da Receita Federal, Dionísio Mosca de Carvalho.

Houve acusações de que Dom Delgado vendera o Banco e carregara consigo parte do dinheiro. Como também que dilapidara o patrimônio da Igreja. Não é verdade. Não foi Dom Delgado que assinou a transferencia das ações ordinárias da Arquidiocese e recebeu o cheque da venda. Foi seu sucessor Dom Alísio Lorcheider. Se algum mérito cabe ao grande Dom Delgado, foi ter evitado a falência da instituição, recuperado a posição da Igreja e transformado o Banco num instrumento de ação social. Sua intenção era fazê-lo benéfico a todas as dioceses do Ceará, particularmente como apoio à manutenção do clero³².

A venda do Banco foi feita de acordo com o mercado, com um ágio de 400% sobre o valor de cada ação, hipótese preparada e negociada por Dom Delgado ao apagar das luzes de seu pastoreio entre nós, mas concretizada pelo digno sucessor.

³² Durante o tempo de Dom Delgado o Banco dava um bom dividendo às dioceses acionistas e destinava 10% do lucro líquido para a Igreja do Ceará. Cf. Art. 20 do Estatuto Social da época e documentos contábeis.

8 - A VENDA DO PALÁCIO DO ARCEBISPO À PREFEITURA

Nas entrelinhas da visão pastoral de Dom Delgado, em uníssono com Dom Helder e muitos bispos do Brasil, percebe-se que o episcopado brasileiro, na sua opção preferencial pelos pobres, quis tornar-se mais próximo do povo, renunciando aos resquícios medievais, que os colocavam como príncipes da Igreja, e habitantes de palácios, cobertos de honras e vênias. Com isto não queremos afirmar que os bispos anteriores não fossem pobres nem pastores, antes do Vaticano II. Referimo-nos aos aspectos exteriores de uma aparente riqueza e nobreza heráldica, bem aceita somente pela minoria monarquista e conservadora.

A primeira razão que norteou Dom Delgado, embora ele não o diga explicitamente, foi de ordem pastoral. O nome residência episcopal soa melhor do que palácio, como manifestação visível de uma Igreja que se fez povo.

A segunda razão, era também de ordem pastoral, o arcebispo desde que chegou a Fortaleza tinha uma grande preocupação com o sustento do clero. É verdade que ele conseguira muita ajuda da Alemanha, mas sonhava em tornar a Igreja do Ceará auto-suficiente, e poder manter seus padres no ministério sem necessidade de abraçarem outras profissões, como o magistério.

Quando houve um surto de ganhos nas bolsas de valores nos idos de 1970-71, o arcebispo pensou que chegara a hora de formalizar um fundo de ações que pudesse manter as necessidades pastorais da Igreja, com dignidade e independência. Consultou os principais técnicos do país com quem tinha relações de amizade e todos foram favoráveis à idéia da venda do palácio e criação do fundo de ações.

Uma terceira razão, esta, de ordem econômico financeira, aflorava à mente esclarecida do antístite. A arquidiocese não possuía recursos financeiros para fazer a manutenção de um prédio antigo e enorme, que necessitava de urgentes reformas. Não poderia priorizar recursos vindos dos católicos da Alemanha para manter um patrimônio histórico, nem muito menos retirá-lo dos católicos cearenses.

Aqui merece destaque o amor do arcebispo por Fortaleza. Ele percebia claramente que o terreno do palácio era um pulmão verde a mandar oxigênio para o centro da cidade. Não desejava ver construídos espigões no lugar de majestosas árvores centenárias. Por esta razão excluiu a venda a construtoras imobiliárias ou qualquer outro empreendimento que atacasse a ecologia. A venda deveria ser à prefeitura. Muito lutou mas conseguiu.

No dia 27 de fevereiro de 1973 foi assinado um recibo-contrato de Cr\$ 500.000,00, a título de sinal ou arras pela conclusão do contrato de promessa de compra e venda pelo exato

preço de Cr\$ 3.094.500,00, pelo qual se fazia a venda de 22.783m² de todas as terras e benfeitorias onde estava o palácio episcopal ao Instituto de Previdência do Município, devendo o restante ser pago da seguinte forma: Cr\$ 150.000,00 após 90 dias da assinatura do recibo contrato, 7 prestações de Cr\$ 50.000,00; 12 prestações de Cr\$ 75.000,00; 11 prestações de Cr\$ 100.000,00 e uma última de Cr\$ 94.500,00, com vencimentos mensais e sucessivos.

Assinam o documento, Dom José de Medeiros Delgado, pela Arquidiocese de Fortaleza, José Simões como Presidente do Instituto de Previdência do Município e como testemunhas: Vicente Cavalcante Fialho, Prefeito Municipal e José Afonso Sancho, diretor do Banco Popular de Fortaleza S.A.³³.

Como as bolsas de valores já tinham caído desastrosamente Dom Delgado pensou em poder fortificar o Banco com a colaboração do clero e das demais dioceses cearenses a fim de ter uma fonte digna para a ação social sobretudo dos pequenos empresários e pequenos agricultores bem como para a sonhada autônoma manutenção do clero.

Os Cr\$ 500.000,00 recebidos em cheque foram compensados no Banco depositados na conta da Arquidiocese e destinados Cr\$ 100.000,00 para a construção da Catedral, mais precisamente as despesas do piso e Cr\$ 400.000,00 para elevação de capital do Banco. As 32 promissórias restantes foram entregues ao Banco para cobrança simples nas datas de vencimento.

Não tem procedência a acusação de que Dom Delgado levara um centavo da venda do palácio quando de sua renúncia em maio do mesmo ano, já que a carta de renúncia à Santa Sé foi feita imediatamente após a venda³⁴. Quem geriu o patrimônio financeiro da venda do Palácio foram os assessores do sucessor Dom Aloísio Lorscheider. Foi infâmia e calúnia contra um bispo pobre que nunca pensou em si.

Também não tem procedência dizer, como eu ouvi este ano da boca de um sacerdote, que Dom Delgado vendera o palácio para construir uma porcaria de residência episcopal. Faço questão de relatar aqui o que lhe disse: – Padre, o senhor está totalmente mal informado. Compreendo que o senhor é de uma geração mais nova e sabe por ouvir dizer, mas eu fui testemunha dos fatos.

Conforme nos disse Pe. Mirton Lavor, os padres do Conselho Presbiteral não gostaram da venda do palácio porque não foram consultados, mas o arcebispo havia 2 anos, já conseguira autorização de Paulo IV, seu amigo pessoal.

As repercussões da venda foram muito negativas para o arcebispo, como de resto tudo que ele fazia era mal interpretado, e a maledicência, inominada, sem responsável, ganhava corpo contra o arcebispo. Penso eu que a Igreja de Fortaleza necessita bater no peito e pedir perdão a Deus contra esta injustiça e inverdade.

³³ Cópia do contrato e documentos pertinentes encontram-se em nosso arquivo, no endereço citado.

³⁴ Editorial. “Renúncia de Dom José Delgado”. IN: «Tribuna do Ceará» de 02.03.73.

No dia 2 de março de 1973, Raquel de Queiroz, em uma crônica publicada no jornal «Tribuna do Ceará», critica acerbamente os desacertos da edilidade e da febre imobiliária, que atacaram a cidade e se regozija, pela aquisição por parte da Prefeitura Municipal, da última área verde no centro da Cidade:

Deixem-me felicitar calorosamente o Prefeito Vicente Fialho, com quem no ano passado iniciei um entrevero, por amor de outra antiga zona verde, o Parque da Liberdade, ameaçado por uma feira de amostras; troco de bem e declaro que a aquisição do Palácio do Bispo sela a minha eterna gratidão ao Prefeito Fialho.

E ao querido amigo, o santo Arcebispo Dom José Delgado que renunciou às doçuras idílicas de sua residência em benefício do povo da minha cidade, transmito os agradecimentos de todos que nasceram na ribeira do velho Pajeú. Não é atoa que Dom José é paraibano, raça de sertanejo quase tão bom quanto a de cearense. Acho mesmo que, com isso, o nosso arcebispo merece ser proclamado cearense de uma vez por todas.

No mesmo artigo, pouco acima, Raquel de Queirós havia escrito:

E mais importante que tudo, - o parque é atravessado em sua extensão pelo rio Pajeú, - sendo o único trecho dentro de toda a cidade onde o histórico riacho tem o seu curso livre e natural. Só isso justificaria largamente a compra³⁵.

Dom Delgado agradeceu prontamente a Raquel de Queiroz, fazendo publicar no mesmo jornal, no mesmo dia o seu, “Obrigado, Raquel”, no qual, retrucando à insinuação dela de fazê-lo cidadão cearense diz:

Eu declaro aos cearenses que me basta tê-la como madrinha desta operação corajosa que tantos sofrimentos me causou e agora começa a ser para mim motivo de beatificação³⁶.

E continua o arcebispo:

Obrigado, Raquel, obrigado porque desvendou aos cearenses mais tradicionalistas e bons, de passagem meus inimigos, ao momento em que fechava, em fevereiro de 1971 as portas da santificada residência dos primeiros bispos do Ceará, para morar numa “meia água”, num pequeníssimo quarto térreo do Seminário da Prainha, até me mudar para esta casa que seus abençoados olhos viram e seus amados pés palmilharam por ocasião da palestra que nos veio dar sobre o Pe. Cícero Romão Batista, do qual somos devotos³⁷.

³⁵ Raquel de QUEIROZ. “O Palácio do Bispo”. IN: «Tribuna do Ceará» de 02 de março de 1973.

³⁶ Dom José de Medeiros DELGADO. “Obrigado, Raquel”. IN: «Tribuna do Ceará» de 02 de março de 1973.

³⁷ *Ibidem*.

9 - DOM DELGADO E A REFORMA AGRARIA

Desde 1953 quando da criação da CNBB Dom Delgado foi escolhido presidente do secretariado de ação social e permaneceu neste cargo por eleições sucessivas, quando também Dom Helder e outros amigos foram substituídos. Todo esforço da CNBB endossado e motivado por Dom Delgado era exatamente a Igreja sair da sacristia e ir ao encontro do povo onde ele estivesse. Mereceram toda atenção do arcebispo, o Movimento de Educação de Base³⁸, pelo rádio, o Cooperativismo, e as associações de classe, sindicalismo rural³⁹ e urbano e particularmente a reforma agrária⁴⁰.

D Delgado fez no Maranhão uma experiência pioneira de colonização e reforma agrária de terras da Igreja, em Mariópolis, com mais de 18.000 ha.

Chegando a Fortaleza idealizou a Fundação João XXIII, que tinha como finalidade, de acordo com o Art. 2º do estatuto Social, "...promover integralmente o homem da cidade e do campo nas suas dimensões física, intelectual, técnica, econômica, moral, social e política". No final do Art. 3º, letra c diz que a Fundação difundirá a pequena propriedade, para cujo objetivo comprará, receberá doações e dividirá terras, ora vendendo-as a longo prazo, ora dando-as quando receber por doação.

A idéia da Fundação João XXIII, catalisadora da presença da Igreja no mundo, empolgou tanto ao Magnífico Reitor da Universidade Federal do Ceará, Antônio Martins Filho, que convidou o Arcebispo para proferir a aula Inaugural no dia 1º de março de 1964, sobre a Fundação João XXIII⁴¹. Nesta aula o arcebispo não fica teorizando mas anuncia o primeiro projeto, intitulado sítio S. Miguel, em Baturité, com a doação feita pelo comendador Ananias Arruda. "A sociedade de agricultores que a Fundação criará em S. Miguel, abrirá horizontes aos habitantes da serra de Baturité, que poderão levar a reformas de estruturas, o aspecto educacional para a reforma agrária bem como o fornecimento de crédito, quer através de cooperativas quer por financiamento a juros módicos e prazos condizentes".

³⁸ Cf. IDEM. "Recomeçam as aulas Radiofônicas". IN: «O Nordeste» de 16.06.64. E também, "Supra e MEB". IN: «Correio do Ceará» de 20.04.64.

³⁹ Cf. IDEM e Juarez COUTINHO. *Relatório da Fundação João XXIII - 1º Ano de Atividade*. Mimeografado.

⁴⁰ Cf. Dom José de Medeiros DELGADO. "O Preço das desapropriações". IN: «O Nordeste» de 24.04.64; "Parcerias e Arrendamentos". Op. cit. de 28.04.64; "Homenagem aos Consulentes". Op.cit. de 01.05.64; "O Banco do Brasil e a Reforma Agrária". Op. cit. de 13.05.64; "Banco do Brasil e as Terras Ociosas". Op. cit. de 14.05.64; "Proprietários Lavradores e Bem Comum". Op. cit. de 20.05.64.

⁴¹ IDEM. *A Fundação João XXIII*. Fortaleza-Ce: Imprensa Universitária do Ceará, 1964.

A reforma agrária como condição de aproveitar a riqueza brasileira e equilibrar a distribuição de renda estava tão forte na alma do arcebispo, que quando chegou a Fortaleza, se deparou logo com a linha conservadora que seguia de perto a cartilha do movimento Tradição Família e Propriedade, TFP, que inquiriu pela imprensa o arcebispo⁴². Com efeito, para eles, reforma agrária era um postulado comunista. O arcebispo não fugiu da arena, manteve pela imprensa a resposta a todas as suas dúvidas que eram malévolas e acobertavam segundas intenções, porque desejavam indispor o arcebispo com as forças militares. Dom Delgado era destemido, e sabia o que queria. Para ele a reforma tinha de merecer a justa indenização e obedecer a critérios de aproveitamento de terras devolutas, terras improdutivas. Como membro da hierarquia católica dava o exemplo com terras da Igreja.

Neste particular, a Arquidiocese dará o imediato exemplo. Possui umas 4 propriedades, duas de serras e duas de sertão, onde mandará fazer levantamentos sócio econômico, humano e ecológico, com o fim de entregar a administração das referidas terras à Fundação João XXIII⁴³.

Para quem foi educado a ver a Igreja como salvadora de almas na outra vida, o arcebispo estava fora da sua missão, metendo-se em assuntos temporais e o pior ainda, dilapidando o patrimônio da Igreja. Poucos foram os auxiliares do arcebispo que se empolgaram com suas idéias desenvolvimentistas, também neste campo o arcebispo amargou muitas decepções e sofrimentos que mal podia esconder no peito e parecia estar premiado, tal era o seu vigor e identificação com a cruz de Cristo e com o Cristo na Cruz.

⁴² Cf. IDEM. “A Voz do Pastor”. IN: «O Nordeste» de 22.04.64.

⁴³ IDEM. *A Fundação João XXIII*. Op. cit. p. 28.

10 - DOM DELGADO, O AMIGO

Falar da amizade como qualidade de Dom Delgado daria matéria para um alentado volume, contento-me em reproduzir o que disse o Pe. João Mohana, debaixo deste título:

Observou um escritor que hoje preferimos perder um amigo para não perder o ônibus. Claro que é uma fórmula intencional de enfatizar um aspecto do nosso tempo. A crise da amizade. O decréscimo da amizade genuína, da amizade autêntica, da amizade que não receia se comprometer.

Pois, nestes tempos de racionamento na safra de amigos, há um pastor, entre os pastores do Brasil, que ainda encontra tempo para ter amigos, que ainda vê motivos para ser amigo.

Se os dois se encontrassem - Aristóteles, o filósofo, e Dom Delgado, o pastor - o diálogo talvez fosse um diálogo de surdos. Porque Aristóteles ia dizer: “Meu amigo, não há amigos” e Dom Delgado a replicar: “Ó grande Aristóteles, eu sou amigo e tenho amigos”.

Realmente é uma arte que Dom Delgado tem sabido cultivar. Disse arte, mas não é a expressão correta, não é o termo exato, pois a amizade em Dom Delgado não é uma arte, no sentido de resultado de talento, de uma conduta ligada a temperamento, a tendência a fatores genéticos. Nem é aquela amizade epidérmica, superestrutura psicológica para efeitos sociais, fabricada com objetivos pragmáticos, visando maior faturação. Não. A amizade em Dom Delgado é virtude, é conquista, é fidelidade à graça. É um fruto da fé, de uma fé que sabe reconhecer os direitos de todo coração, e, mais que os direitos, as necessidades de alguns. Lembro-me do saudoso Mons. Frederico Chaves a dizer, edificado: “Com Dom Delgado, ainda que se seja um padre caído, não se perde o bispo e se ganha um amigo”. Dizia isto, citando casos de sacerdotes e leigos que encontraram no coração de Dom Delgado a sombra amiga para as insolações da vida.

Aquilo que para outros é muro, para ele é porta. Quando certo maranhense já falecido, publicamente amasiado, freqüentava a casa de Dom Delgado, chegando à intimidade de tomar assento à mesa das refeições, houve quem estranhasse o fato, escandalizado. Ignoro se Dom Delgado chegou a saber dessa reação. Mas bem poderia ter respondido como respondeu Jesus aos fariseus na casa de Simeão.

Sem incluir casos semelhantes, para quem a caridade urge sem rodeios, vejo os outros, os sem problemas, os que do Maranhão à

Guanabara, desinteressadamente constatam este artigo a mais no Credo de Dom Delgado: Creio na amizade.

Neste ano tão significativo para o sacerdócio deste amigo, a quem devo muito do meu, não queria ver chegar dezembro sem prestar este depoimento: Passo por este planeta tendo conhecido um homem que acredita na amizade, admirando um homem que tem feito da amizade um dos pontos de identificação do seu coração com o de Cristo. Passo por este planeta devendo esta lição ao homem que daria esta resposta a quem quisesse saber porque ele não desanimou de crer na amizade: “Porque minha fé não é abstrata, Porque meu mestre não é abstrato. Porque o coração humano não é uma abstração”. E ao escritor do início eu respondo no fim: “Dom José de Medeiros Delgado perde um ônibus para não perder um amigo”⁴⁴.

Quero neste momento dizer que o motivo da inserção do depoimento de João Mohana, significa que eu concordo até com as vírgulas, do Credo da amizade de Dom Delgado, devo porém acrescentar alguma coisa referente a minha pessoa e a Fortaleza.

Devo publicamente confessar a quem interessar possa que não fui fiel à amizade de Dom Delgado, abandonei-o quando saiu de Fortaleza. Também não entendia naquela época seus gestos paternais de amizade, somente agora é que vejo com nitidez maior minha falha. Via simplesmente sua amizade como aproveitamento do meu trabalho e da minha competência. Redondo engano, ele procurava valorizar ao máximo minha pobre pessoa, dando-me o testemunho do amor de Deus.

A questão agora se levanta referente a amizade de Dom Delgado em Fortaleza. Porque teve tão poucos amigos? Onde fracassou?

Antes que tente enveredar por uma explicação plausível quero testemunhar o martírio incruento do arcebispo em não conseguir convencer a seus sacerdotes que não tinha segundas intenções em seu relacionamento de amizade e que tinha a disposição de dar até a vida por qualquer um deles, porém, sem demagogia, nem pieguismo sentimental.

Minha explicação do fato, se prende ao nosso relacionamento, no tempo da formação no Seminário da Praínha com a autoridade, os nossos superiores. Tínhamos pavor a eles por conta do seu rigorismo medieval. Quando entrávamos no seminário com mais ou menos doze anos, tínhamos logo o impacto com a disciplina rígida, mais pesada que a dos quartéis. Então criávamos uma crosta psicológica, de autodefesa, fruto da timidez, que escondia nossa espontaneidade e nossa verdade e fazia duvidar e se esconder dos superiores. O relacionamento com eles era normalmente formal e de trabalho. Não havia comunhão de vida nem uma base verdadeira para um relacionamento de pessoa a pessoa.

⁴⁴ IDEM. *Testemunho. Documentário Pastoral*. Fortaleza-CE: Mimeografia e Papelaria Eunice Ltda - MIPEL, 1971, p. 38-40.

Ouvi de muitas afirmações do tipo: não confiar em bispo. Do bispo quero distância. Eles só chamam para dar trabalho ou repreensão.

Diante deste precedente chega um bispo e se faz amigo, com simplicidade e dedicação. Não será facilmente crível por mais que se esforce. Dom Delgado pensou que sua experiência em Campina Grande, Caicó e Maranhão servissem para Fortaleza num tempo de conflito entre o antigo e o novo, quer na Igreja, quer na política que derrubou pela força a democracia e estabeleceu outra.

25 anos após sua renúncia já é tempo de fazer análises menos apaixonadas e mais próximas da verdade, por esta razão, esperamos contar com maiores depoimentos para um segundo trabalho de maior fôlego. Com efeito, Dom Delgado fez amizades em Fortaleza, que estão dispersas, mas se reunidas, dariam uma boa página de evangelho, escrita no coração dos que com ele conviveram, em sua permanência entre nós. Alenta-me prosseguir no seu estudo, porque ele deixou muita coisa escrita sobre o mandamento do amor, a inserção em Deus e no próximo, a unidade na diversidade que permanecem profundamente atuais, e revelam um mestre de espiritualidade, bem palatável para nosso tempo. Só para exemplificar transcrevo do seu livro *Memórias da Graça Divina*, comemorativo dos seus 50 anos de sacerdócio, o seguinte trecho:

A sede e fome de justiça para mim, por toda a vida sacerdotal, tomou sempre uma expressão diversa daquela do Evangelho, embora diga a mesma coisa Foi fome e sede de unidade. Ora, justiça quer dizer santidade e santidade é fruto da unidade com Deus a serviço dos irmãos na terra e no céu, vivendo a glorificação eterna.

De princípio era natural que tal sede e fome se desenvolvessem à sombra do inconsciente. Mais tarde e na maturidade plena da vida, porém, tornou-se preocupação rica e consciente.

Dois frutos preciosos colhi sem cessar, num e noutro período da busca de unidade.

Aprofundei o mistério da união com Deus e com os homens e conseqüentemente superestimei o cultivo da caridade, tomada como virtude indispensável para crescer num e noutro sentido.

Superei a pobreza da teologia aprendida dos mestres e dos livros. Vi-a viva e poderosa no convívio com o povo de Deus e venci as maiores dificuldades oferecida pela convivência com os homens.

Meu discurso sobre a unidade possui cor experimental e não poderia deixar de o recordar no presente testemunho da celebração do meu jubileu sacerdotal⁴⁵.

⁴⁵ IDEM. *Memórias da Graça Divina*. S. Paulo: Edições Loyola, 1978, p. 31.

O mandamento do amor a Deus e ao próximo eram levados muito a sério na prática diária, da substância de sua vida, a ponto de poder amar a seus inimigos declarados com amor maior como ele disse: “Todo dia, quando beijo as alfaias brancas do altar imagino estar beijando o rosto daqueles que não acreditam que os ame tanto”.

Muitas vezes as leis canônicas impediram-me de ser mais humano e empenhar melhor o coração. Outras, não. Bendigo, porém, quando obedeci constrangido, pois, o sofrimento é, às vezes, mais poderoso do que todas as medidas doces do coração.

Bendigo a minha experiência de Deus e da Graça até o último suspiro.

Bendigo também o que sofri por não ter orado mais e ter esperado dos outros o que não tinham capacidade e desprendimento para dar ao reino de Deus por meio de sua Igreja.

Nada me é mais agradável do que saber que sofri, sem perder a esperança e sem amaldiçoar⁴⁶.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 35.

11 - DOM DELGADO, COMUNICADOR

Não é difícil refazer o itinerário místico de Dom Delgado, porque ele escrevia. Tinha consciência de que escrevendo, muitas pessoas que não se aproximavam dele nem mesmo da Igreja poderiam receber sua mensagem e se inteirarem do pensamento da igreja numa época de tantas contradições. Tudo que lia, tentava repassar dando um cunho pessoal. Mantinha coluna em vários jornais e não só em O Nordeste. Ficaram celebres suas "Conversas Avulsas" onde abordava semanalmente os assuntos mais prementes. Todos os grandes problemas do nordeste brasileiro foram abordados despretensiosamente, mas com objetividade e conhecimento. Para exemplificar, muito escreveu sobre a seca e procurava incutir que se deveria por todos os meios impedir que a água corresse para o mar, através da construção de cisternas, bueiros, barragens, cacimbões e açudes pequenos, médios e grandes.

Mantinha também no rádio um programa semanal, Encontro com o Pastor, pela Rádio Assunção que tinha grande penetração na capital e no interior.

Foi de fato um evangelizador incansável pela imprensa.

Diariamente, depois de um dia de lutas e cansada, sentava-se à máquina de escrever e ia até altas horas dedilhando diretamente seus escritos que nos entregava para correção e distribuição na imprensa. Corajoso e destemido não tinha medo de se indispor com quem quer que fosse e fazia as críticas que achasse necessárias. Muitas vezes, criticou de maneira firme a revolução que se apropriava de atributos que só a Deus pertenciam, como sejam onisciência, onipresença e onipotência. Nunca, porém, atacava a pessoas e fazia esforço para ser respeitoso mesmo com os adversários que procuravam impedir ou denegrir a imagem da Igreja. Nunca se pavoneava, nem contava vantagens pessoais. Sua humildade profunda e cumprimento do dever presidiam suas ações pela imprensa.

Registrou-se como membro da Associação Cearense de Imprensa, ACI e se credenciou como jornalista profissional, para que ninguém viesse impedi-lo com base na lei, de realizar seu apostolado pela imprensa.

Dom Delgado escreveu também muitos livros que são profundamente atuais quer do ponto de vista sociológico quer pela sua visão robustecida do Concílio Vaticano II, quer como caminho de espiritualidade, centrada no amor de Deus e ao próximo. Em Fortaleza, foi incansável escrevendo sobre tudo que foi estudado e discutido no Concílio Vaticano II, de modo que quem estudasse seus escritos ficaria muito bem informado sobre o núcleo do vigor teológico e pastoral e espiritual do Concílio Ecumênico. A seguir estão relacionados seus

principais escritos em Caicó, Maranhão e Fortaleza. São jóias preciosas porque ainda estão plenamente atuais, ou melhor dizendo, mais atuais do que quando as escreveu.

Em Caicó

- *Vida Cristã, Paróquia, Ação Católica*. Primeira Carta Pastoral - 1941
- *Ação Social* - 1942
- *Mistério de vida Cristã*. Segunda Carta Pastoral - 1943
- *Amor Fraterno*. Terceira Carta Pastoral - 1949

No Maranhão

- *A Igreja e os Sacramentos*. Quarta Carta Pastoral - 1952
- *A Magia do Amor* - 1952
- *Leis do Amor* - 1953
- *Maria, Sacerdócio e Eucaristia*. Quinta Carta Pastoral - 1954
- *Homem e a Comunidade* - 1956
- *Faculdade de Ciências Médicas do Maranhão* - 1957
- *Mensagem de Pentecostes* - 1958
- *Problema da Terra* - 1958
- *Mistério da Igreja* - 1963
- *Problema do Desemprego* - 1963

No Ceará, publicados na gráfica do jornal «A Fortaleza»

- *Reflexões sobre a Santidade* - 1965
- *Juazeiro, Padre Cícero e Canindé* - 1968
- *Evangelho, Fé e Concílio* - 1968
- *Homem, o Sacerdócio e o Sexo* - 1969
- *Igreja, Fé e Pastoral* - 1969
- *Cristão, a Vocação e a Prática do Amor* - 1969
- *Páscoa de 1969*
- *Padre Cícero, Mártir da Disciplina* - 1970
- *Igreja, Liberdade e Mundo Moderno* - 1970
- *Testemunho* - 1971
- *Pastoral, Missão de Amor* - 1971

- *Pedaços Mim Mesmo de* - 1973

Como arcebispo resignatário, publicados pela Edições Loyola

- *Memórias da Graça Divina* - 1978
- *Deus e a Igreja em Você* - 1979
- *Tapete de Mistérios* - 1980
- *Teu Ser* - 1981
- *Somos Irmãos* - 1982

12 - DOM DELGADO, PREGADOR DE RETIROS

Uma de suas qualidades preciosas era a pregação de retiros. Anualmente tinha encontro marcado com um grupo numeroso de intelectuais cristãos do Rio de Janeiro. Vejamos o que disse a escritora Irene Tavares de Sá em 1978:

Durante mais de 25 anos tivemos o privilégio de um retiro anual com Dom José de Medeiros Delgado no Rio. Para mim sua palavra e conselho foram sempre de grande ajuda e ânimo na difícil tarefa de escrever que até hoje persigo... Éramos, e penso que ainda somos, um grupo cheio de fé e idealismo tentando realizar um ideal de nossa juventude. Mas um ideal tem que ser alimentado e naqueles encontros anuais aprofundávamos os fundamentos de nossos princípios sob a direção tão esclarecida, paternal e segura de Dom Delgado.

Em muitas de nós inculcia segurança, alargamento de vista, graças aquele senso de equilíbrio e de bondade que marca até hoje seu tão fecundo apostolado.

Mede-se um homem pela sua obra. A de um pastor de almas, na complexa filigrana de suas múltiplas atribuições e realizações, supõe a compreensão, o estímulo, a orientação certa no momento exato. Outros, muitos outros poderão atestar os benefícios recebidos em níveis e situações diversas ao longo de uma grande vida devotada ao pastoreio das almas, à pregação da Palavra, de norte a sul do País⁴⁷.

Maria da Glória de Souza Reis complementa:

Dom Delgado sempre me pareceu ter um modo todo seu de explicar as cousas, que eram mostradas sob uma luz nova e estimulante.

Aprendíamos a viver com os nossos defeitos, nossos problemas não mais nos desanimavam, sentíamos-nos alegres no serviço de Deus⁴⁸.

Depoimento conjunto de Francisca Wirght, Aylda Pereira Reis, Marília Diniz Carneiro e Maria de Lourdes Corrêa.

Desde 1948 Dom José de Medeiros Delgado tornou-se conhecido tanto de assistentes sociais quanto de professores e outros profissionais, quando do retiro que pregou no Instituto Social.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 143.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 145-146.

Com a simplicidade que lhe é característica, deu ao retiro aquele cunho pessoal e de autoridade junto aos jovens.

Já em 1947 era apresentado aos estudantes da Pontifícia Universidade Católica pelo saudoso Pe. Leonel Franca. Este o apreciava muito e recomendava aos estudantes que o procurassem, pois tinha o Dom de atrair os jovens...

Não somente os retiros, porém, uma correspondência pessoal era realizada entre os do Rio e Dom Delgado, que sempre encontrava tempo para uma orientação necessária⁴⁹.

O grande segredo do sucesso do Arcebispo residia na sua doutrina encarnada do evangelho e atualizada a ponto de responder plenamente aos anseios e dar resposta as inquietações e interrogações de hoje.

Quem testemunha é Dom José Adelino Dantas:

Antecipando-se de muito às luminosas diretrizes do Vaticano II, atirou-se de corpo e alma a um novo tipo de pastoral, equacionando a salvação de todo homem e do homem todo⁵⁰.

Neste campo, Dom José foi o grande pioneiro neste Nordeste. Via e ensinava a ver o homem (e a mulher) como um todo, como uma unidade, sem a dicotomia de corpo e alma.

Neste assunto, porém, não resvalava num horizontalismo leviano e perigoso, destronando Deus do centro e nele introduzindo o homem⁵¹.

O sóbrio Dom Adelino continua seu testemunho sobre Dom Delgado dizendo que era um estudioso assíduo das encíclicas sociais e dos movimentos renovadores da Igreja, colocando-se na perspectiva de quem a vê muito na frente.

Se Dom Delgado era grande, como pregador de retiros, porque tinha uma doutrina vivida e atualizada, maior se afigurava no confessionário e sobretudo na direção espiritual, há muitas testemunhas silenciosas, mas que trazem no peito ainda o fogo do Espírito Santo, plantado e cultivado por Dom Delgado. Ele sabia descobrir pedras preciosas onde só se via monturo pois tinha consciência viva de que somos templos da Trindade Santa e como um bom caçador de pérolas, realçava e até exagerava os valores daqueles que o procuravam ou a cujo encontro estendia os braços da misericórdia divina. Caso bem típico é o de uma mulher desesperada no leito de dor com doença incurável, que não queria ver ninguém, nem mesmo o marido, porque não aceitava morrer e blasfemava muito. – “minha filha, Deus está ouvindo

⁴⁹ *Ibidem*, p.147.

⁵⁰ Cf. IDEM. *Primeira Carta Pastoral - Vida Cristã, Paróquia, Ação Católica*. Op. cit.; *Segunda Carta Pastoral - Mistério da Vida Cristã*. Bahia: Tipografia Beneditina, 1943; *Terceira Carta Pastoral - O Amor Fraternal*. Bahia: Tipografia Beneditina, 1949; *Quarta Carta Pastoral - Igreja e os Sacramentos*. Bahia: Tipografia Beneditina, 1952; *Quinta Carta Pastoral - Maria, Sacerdócio e Eucaristia*. Belo Horizonte: Agir, 1954.

⁵¹ IDEM. *Memórias da Graça Divina*. Op. cit. pp. 162-163.

sua oração” – Como, se só estou blasfemando? – É a única oração que você pode rezar nesta sua situação, e Deus entende muito bem, mas não castigue seu marido que a ama e está sofrendo quase igual a você. O resultado não podia ser diferente, paz, resignação e uma boa morte, após o viático.

13 - DOM DELGADO E OS SEMINARISTAS

Uma das grandes dedicações do arcebispo era com os seminaristas. Preocupava-se e tomava atitudes corajosas quase como se fosse uma obsessão, a formação dos futuros padres. Nas férias passava de 8 dias com seus seminaristas, convivendo com eles e doutrinando-os. Sabia que o concílio de Trento (1545-1563) tinha sido bom para sua época, mas que os padres do final do século XX tinham de ser filhos do Vaticano II com todas suas inauditas riquezas para a humanidade e para a Igreja.

Teve coragem de permitir experiências novas de seminaristas vivendo em equipe numa casa de bairro, acompanhados por um sacerdote, trabalhando como comerciários ou operários, sem paternalismo nem isolamento da vida dos jovens da idade deles.

Teve peito de fechar o tradicional seminário da Prainha e abri-lo depois com nova modalidade, acessível aos leigos cristãos que quisessem aprender filosofia e teologia. Iniciou com o Instituto de Ciências Religiosas, que depois transformou em Faculdade de Filosofia. Mas seu sonho mesmo era fazer como no Maranhão, abrir uma Universidade Católica em Fortaleza. Os seminaristas tinham estudos específicos no Instituto Teológico Pastoral, mas este também aberto a religiosas e leigos.

Estas mudanças mexeram com o cerne da mentalidade conservadora, que por fidelidade a um conceito de Igreja e de padre, não conseguia assimilá-las e no mínimo, tinha dúvidas da competência e segurança do arcebispo e se colocavam numa linha de descontentamento e oposição mais velada que explícita. Em resumo Dom Delgado queria formar o homem e o cristão, quando a tônica antiga era a formação em redoma bem protegida do futuro padre, com muitas praticas religiosas, muito estudo e muitas prescrições morais. A vocação cristã à santidade antecede e é mais ampla que a específica ao ministério sacerdotal e as prescrições morais só tem valor relativo. A vivência do batismo recebido, como vida de união com Deus e com os homens e mulheres e o seguimento de Cristo, pela vivência do evangelho como testemunho pesavam para Dom Delgado na formação dos futuros padres.

Roberto Caminha⁵², que participou da experiência de morar fora do Seminário, juntamente com outros 7 seminaristas e o Pe. Miguel Brandão, dá o seu testemunho:

Corria o ano de 1965. Os ventos novos do Concílio Vaticano II começavam a arejar as velhas estruturas da Igreja.

⁵² Hoje diácono casado da Igreja, na Arquidiocese de Teresina.

No Seminário da Praínha, um grupo de seminaristas alimentava um projeto de experiência de formação mais voltada aos desafios dos novos tempos.

Basicamente o grupo se propunha a viver em pequena comunidade, inserida na periferia pobre de Fortaleza. Aulas no Seminário, todos teriam uma atividade remunerada para a manutenção da casa e atuação pastoral no meio em que residiam. A proposta foi apresentada a Dom Delgado num encontro com seminaristas na casa de retiro da Arquidiocese, em Pacatuba.

Dom Delgado acatou com simpatia a proposta, indicando um padre para residir e orientar espiritualmente o grupo. Acompanhou de perto essa experiência, ajudando financeiramente nos momentos mais difíceis. Essa pequena comunidade funcionou até o fechamento do Seminário da Praínha em 1966.

Sempre estive próximo e se possível, foi pessoalmente ao encontro dos que sofriam. Tivemos uma experiência disso na nossa família. Aconteceu com nossa irmã, cujo namorado havia cometido suicídio. Fortemente abalada entrou em estado de profunda depressão. Dom Delgado, informado do fato, passou a acompanhar de perto nossa irmã, inclusive com visitas a nossa residência. Por ocasião de uma dessas visitas, deixou uma mensagem escrita de próprio punho para nossa irmã.

Esta mensagem nós conservamos com profunda gratidão, pois representa aquela presença amiga e solidária que teve um papel importante na recuperação da saúde do corpo e do espírito de nossa irmã. “Maria do Rosário, você não é só você, mas você e Deus, portanto, uma jóia viva. Se quiser crescer, sem desfalecimento, sem fracasso, aprenda esta lição que é do evangelho (Jo. 17,22), sorrindo sempre em meio a todas as tempestades. 11/08/68”.

Dom Delgado sempre estava lendo e escrevendo. O seu jeito de ler nos estimulava bastante. A mim, influenciou-me particularmente, as leituras e comentários que fazia das obras do Pe. Teilhard Chardin. Leitura anotada, refletida, comentada e freqüentemente partilhada conosco.

Dom Delgado, um nordestino forte, profundamente identificado e amante de sua terra e de sua gente. Era agradável escutá-lo contando histórias da infância, de sua vida com a família, em terras do sertão nordestino nos tempos do cangaço.

Gostava do contato com a natureza, com o homem do campo. Foi um grande incentivador, dedicando esforço e recursos na organização de cooperativas agrícolas, com uma visão de política agrícola integrando a terra com a assistência técnica e o acesso ao crédito..

Recordo com saudade o convívio com Dom Delgado. Foi uma presença importante na minha formação e a ele devo eterna gratidão⁵³.

⁵³ Roberto CAMINHA. Depoimento dado em 11.09.98. Mimiografado.

14 - DOM DELGADO E O MEIO POPULAR

A opção preferencial pelos pobres do Arcebispo que para eles através de suas lideranças abrisse as portas do Palácio do Arcebispado, não tinha cunho paternalístico nem demagógico. Não podendo estar diuturnamente presente no meio popular sendo um fermento marcante da evangelização, fez muitos convites para que sacerdotes e missionários leigos de outras partes do mundo aportassem não só em nossas praias, mas no coração de nossas favelas, para testemunharem o amor com suas vidas. Vejamos como relata sua vinda a Fortaleza e o primeiro contato com o Arcebispo, o Pe. Luís René Derouet, operário e pobre por opção, que ainda hoje reside na favela São Miguel, subúrbio de Fortaleza.

Em 1966, eu, padre Luís, estava trabalhando pastoralmente numa paróquia da grande periferia de Lyon, na França, quando chegou nessa paróquia, pelo correio, o boletim informativo da arquidiocese de Lyon.

Neste boletim, um comunicado me chamou a atenção: era um bispo brasileiro, Dom Delgado, que, da arquidiocese de Fortaleza expressava sua preocupação pastoral e missionária a propósito do povo numeroso que vive na grande periferia dessa cidade. Esse bispo falava desse povo que precisava de um melhor acompanhamento sacerdotal e pedia à arquidiocese de Lyon de lhe enviar alguns padres franceses para colocarem-se a serviço desse povo empobrecido e espiritualmente muito abandonado. Dom Delgado pedia padres bem preparados para as pastorais populares podendo assim ajudar na evangelização desse povo numeroso da grande periferia de Fortaleza.

Este comunicado de Dom Delgado foi para mim um verdadeiro chamado de Deus.

Numa reunião, com os padres da paróquia, comuniquei-lhes a minha intenção de responder positivamente ao pedido desse bispo brasileiro. Esses padres apoiaram com firmeza a minha intenção.

De acordo com os padres da paróquia, fiz do ano de 1967, um ano de preparação espiritual.

Durante este ano de 1967, escrevi ao senhor bispo Dom Delgado, lhe dando a minha resposta positiva ao seu pedido. Ele me respondeu com uma carta muito animada, me dizendo que eu seria muito bem-vindo na sua arquidiocese.

Então cheguei no Rio de Janeiro em 1968. Fiquei lá algum tempo para aprender a língua e a cultura brasileira... Em Fortaleza, me apresentei ao bispo Dom Delgado que me acolheu com muita bondade e entusiasmo.

Até o ano de sua saída da arquidiocese, sempre gostei do relacionamento simples, humilde e bom de Dom Delgado com os padres e com o povo empobrecido de Fortaleza⁵⁴.

Dom Delgado acolheu outras grandes figuras no conceito da eclesiologia do Vaticano II, para dar testemunho no meio popular. O Pe. Caetano de Tillesse, trocou a trapa na Bélgica onde vivia no silêncio cisterciense, pelo barulho do Pirambu, onde sua contemplação *au coeur des masses* testemunha a inexaurível riqueza que dá resposta as necessidades de cada época. Ainda hoje a Nova Jerusalém resplandece no bairro Cristo Redentor, na periferia oeste de Fortaleza.

No mesmo período, o Pe. André Talvas, que fundara na França o movimento *O Ninho*, cujo objetivo era dar o testemunho do amor cristão às vítimas da prostituição, mandou duas francesas a Fortaleza para aqui preparar algumas pessoas e dar início a esse belo e edificante trabalho escondido nos porões daquilo que se convencionou chamar antros de pecado. Note-se que *O Ninho* já começara no Maranhão e hoje está espalhado por toda parte.

Funciona em Messejana o Centro Vocacional AVE que tem a frente Maria de Lourdes Ribeiro Brandão. Teve início na parte térrea do palácio de Arcebispado, abrigando moças vinda do interior, orientando-as vocacionalmente. A ex-irmã Margarida, atual esposa do padre casado Miguel Brandão, nos brinda com seu testemunho:

Era o ano de 1939. Garota ainda, eu estava metida num grupo de peregrinos que partiram de Teresina para Recife, com o fim de tomar parte no 3º Congresso Eucarístico Nacional. Viagem longa naquele tempo. Passamos por Campina Grande e lá fomos recebidos pelo vigário, simples, simpático, dinâmico, alegre, de um espírito de hospitalidade fora do comum. Minha juventude se impressionou com aquele tipo de padre: jovem também e tão cheio de Deus.

Os anos se passaram e eis que depois de 40 anos, novamente encontrei aquele padre Delgado, aqui no Ceará, como Dom José de Medeiros Delgado, já vindo de minha terra S. Luís do Maranhão. Eu era religiosa e fui trabalhar com Dom Delgado. Foi um feliz reencontro e nos dois anos que trabalhei no Departamento Arquidiocesano de Vocações, vi de perto um bispo como Deus quer. Parece-me que as colunas que sustentavam a vida dele eram as mesmas de outrora: espiritualidade profunda, bondade, compreensão. Eu tinha por ele a própria amizade de filha e toda a liberdade, até mesmo de fazer (com as jovens que comigo trabalhavam, mocinhas pobres, muitas vindas do interior e que necessitavam de formação humana. Em pouco tempo eram dezoito. Deram origem ao Artesanato Vocacional Escola, Ave que hoje sobrevive como Instituição fundada nos porões do Palácio) uma serenata em baixo de sua janela quando nos cinquenta anos do

⁵⁴ Luis Renato Francisco DEROUET. Depoimento. Mimeografado.

seu sacerdócio. Mais tarde, quando precisei dele para meu casamento com um dos seus padres, Dom Delgado agiu com o espírito que lhe era peculiar: compreensão e apoio. Era um bispo como Jesus Cristo quer. Acredito muito no que dizem: “As palavras comovem, mas os exemplos arrastam” Tenho a impressão, e por que não dizer: Dom Delgado vivia este dito popular. Hoje com cabelos brancos e rugas no rosto, guardo ainda o exemplo e a grande admiração pelo Pe. Delgado de Campina Grande e por Dom Delgado que beijou minha mão no nosso último encontro e me testemunhou seguir as pegadas do Mestre. (Fortaleza 19 de julho de 1998, Maria de Lourdes Ribeiro Brandão, da ala feminina da Casa de Juvenal Galeno, cadeira n. 44 e da AJEB Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil)⁵⁵.

⁵⁵ Maria de Lourdes RIBEIRO BRANDÃO. Depoimento. Mimeografado. Encontra-se em nosso arquivo no endereço mencionado.

15 - DOM DELGADO E O EPISCOPADO BRASILEIRO

Ninguém melhor do que Alceu de Amoroso Lima, mais conhecido como Tristão de Ataíde, para definir Dom Delgado, no seio do episcopado nacional. Dom Delgado era de esquerda, direita ou centro? O grande intelectual católico foge a essa classificação política míope por não envolver todo o mistério do posicionamento convicto dos homens de Deus, pastores da Igreja. Ele classifica os bispos como paulinos e petrinos. Com o impacto que o Concílio ecumênico Vaticano II imprimiu a Igreja, acentuou-se a tensão entre alas distintas, na tradicional unidade católica. Essa tensão atinge ao laicato e à hierarquia: tradicionalistas e progressistas ou conservadores e renovadores. O tradicionalismo e o progressismo seriam apenas a radicalização dessas duas famílias temperamentais, que podem remontar ao próprio dissídio latente, desde os tempos apostólicos, entre S. Pedro e S. Paulo. Petrinos são os conservadores. Paulinos serão renovadores. Vejamos seu depoimento sobre Dom Delgado:

Se quiséssemos situar nosso amigo, Dom José de Medeiros Delgado, ex-Arcebispo de Fortaleza, hoje retirado por motivo de saúde, em uma dessas categorias, não hesitaríamos em colocá-lo entre os paulinos. Embora de tipo especial. Pois será um paulino de temperamento petrino, já que raramente toda tipologia se apresenta em sentido uniforme e integral. Todos nós somos isso e aquilo. Dom Delgado não escapa a essa composição. É uma criatura humana de uma doçura, de uma bondade, de uma polidez incomparáveis.

Em suma, tudo aquilo que se atribui ao pescador apóstolo, S. Pedro, a despeito de seus arrebatamentos humanos, em face do próprio Senhor. Não sei se Dom Delgado também é capaz desses arrebatamentos petrinos...Pessoalmente, só posso dar testemunho de sua mansidão realmente tocante. Na sua conduta episcopal, como tão bem o demonstram certas passagens destas suas Memórias é a face caulina que se revela.

Longe de se deixar adormecer na prática de uma evangelização meramente convencional, sempre foi um corajoso abridor de caminhos, de alma aberta na direção das almas.

A começar pelas almas infantis, pois sempre considerou a catequese da infância e da juventude, em geral, como sendo um dos terrenos mais férteis para a sementeira da boa nova, entre o povo.

E por falar em povo, ninguém mais aberto à psicologia popular, além desse interesse pela formação da infância e da mocidade.

Para completar esse duplo aspecto de personalidade de Dom Delgado e para mostrar como o Concílio veio confirmar suas tendências espontâneas, deveríamos acentuar sua resistência ao abuso do moralismo agressivo na ação pastoral. E sua substituição pela eficácia de um apelo particular à participação litúrgica e sacramental, como formas de invocar o primado da visão lúdica sobre a visão ética da fé. Assim como Cristo proclama as crianças como modelo, devemos recorrer aos hábitos mais típicos da infância, como seja o brinquedo, para incutir o calor da Fé, tanto na infância como ao longo da nossa vida.

Em vez de fé imposta como um dever, a Fé proposta como um prazer.

A fé lúdica como expressão típica do próprio ensinamento de Cristo.

Eis o que vejo de mais pessoal e exemplar, na vida e nas Memórias deste bispo, tão profundamente jovem, popular e brasileiro como o nosso Dom José de Medeiros Delgado⁵⁶.

Em obra de maior vulto, conhecendo o temperamento e a humildade do arcebispo que queria promover e de fato o fazia, seus auxiliares e colegas de colegiado, que nunca se destacava, nunca contava suas vantagens pessoais de engrandecimento, mas tinha coragem de sobra para assumir e defender, a custo do próprio conceito que dele o fizessem, poderá ser avaliado o papel decisivo de Dom Delgado na construção da Igreja do Brasil⁵⁷. Por ora sabemos que foi grande e um braço de Dom Helder, com Dom Távora e outros que organizaram a CNBB. - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, os regionais, as 6 linhas de ação e a pastoral de conjunto da Igreja do Brasil.

⁵⁶ Dom José de Medeiros DELGADO. *Memórias da Graça Divina*, Op. cit. pp. 8-9.

⁵⁷ Cf. Nelson PILETTI e Walter PRAXEDES. *Dom Helder Camara, Entre o Poder e a Profecia*. S. Paulo: Ática, 1997, p. 197 e 323.

CONCLUSÃO

Fazendo o estudo dos fatos cheguei a conclusão de que pensava que conhecia bem a Dom José Delgado mas não o conhecia tão bem. Ele é muito maior do que imaginava. Sua humildade era profundíssima. A união com Deus, algo real e transparente. Confesso que não foram poucas as vezes que escrevendo, verti lágrimas, não de sentimentalismo ou saudade, mas de emoção pela grande lição que sua vida oferece.

Espero que todos os que lerem estas páginas sejam beneficiados pela caridade heróica deste pastor que se deixava atingir para proteger os pequeninos.

Antes de começar pensei em realçar com nomes aqueles que interpretaram mal sua palavras, boicotaram sua ação ou se omitiram, não prestando a devida cooperação. Devo, porém, confessar, que mudei de idéia ao longo do trabalho porque, cotejando seus livros, percebi que se o fizesse, ofenderia sua memória. Ele nunca se preocupou em condenar ninguém, mas em converter ao amor de Deus. Seus opositores eram ovelhas que ele desejava salvar, abrir a mente, libertando de uma visão estreita e retrógrada. Acredito que na comunhão dos Santos ainda vela e intercede por quantos não conseguiu demonstrar quanto os amava.

Não condeno pessoa alguma que me não compreendeu, vivendo longe de mim, embora eu tivesse perto de todos pela imprensa e no meu dia a dia de trabalho, aberto, acolhedor, manso e humilde para os que me procuravam.

No exame que quiserem fazer futuramente para me perdoar mais facilmente do que acham terem sido meus pecados públicos, será necessário colocarem-se em consonância com o evangelho.

Como não considero nenhum homem anjo e impecável, sei perdoar a quantos me maldisseram por um ou outro desses defeitos de mentalidade - legalismo ou revolucionarismo⁵⁸.

A conclusão final do trabalho que peço ao leitor tirar, é que, o grande desempenho não está concluído, mas apenas começado.

Suplico sua bondade para me ajudar a enriquecer a verdade histórica com novos depoimentos e maiores testemunhos e se por acaso, o leitor tiver recebido alguma graça por sua intercessão, ficaria honrado e agradecido pela delicadeza de sua comunicação a fim de se tornar mais visível o selo de Deus sobre a verdade exposta.

⁵⁸ Dom José de Medeiros DELGADO. *Pedaços de Mim Mesmo*. Op. cit., 1973 p. 89.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMINHA, Roberto. Depoimento dado em 11.09.98. Encontra-se em nosso arquivo, na rua Rocha Lima 364, Mimeografado.
- BRANDÃO, Maria de Lourdes Ribeiro. Depoimento. Encontra-se em nosso arquivo, na rua Rocha Lima 364, Mimeografado.
- DELGADO, José de Medeiros. *Primeira carta Pastoral*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1941.
- _____. *Segunda Carta Pastoral - Mistério da Vida Cristã*. Bahia: Tipografia Beneditina, 1943.
- _____. *Terceira Carta Pastoral - O Amor Fraternal*. Bahia: Tipografia Beneditina, 1949.
- _____. *Quarta Carta Pastoral - Igreja e os Sacramentos*. Bahia: Tipografia Beneditina, 1952.
- _____. *Leis do Amor*. São Luís, 1953.
- _____. *Quinta Carta Pastoral - Maria, Sacerdócio e Eucaristia*. Belo Horizonte: Agir, 1954.
- _____. *O Homem e a Comunidade*. Rio de Janeiro: Agir, 1956
- _____. “Cooperativismo e Desproletarização”. IN: *Série Maranhão Rural*, nº. 7, S. Luís: Tipografia S. José, 1957.
- _____. “Problema da Terra. Temário da VIII semana ruralista do Maranhão”. IN: *Série Maranhão Rural*, nº. 8, S. Luís: Tipografia S. José, 1958.
- _____. *O Mistério da Igreja*. S. Luís: Tipografia S. José. 1963.
- _____. “Supra e MEB”. IN: *Correio do Ceará* de 20.04.64.
- _____. “A Voz do Pastor”. IN: «O Nordeste» de 22.04.64.
- _____. “O Preço das desapropriações”. IN: «O Nordeste» de 24.04.64.
- _____. “Parcerias e Arrendamentos”. IN: «O Nordeste» de 28.04.64.
- _____. “Homenagem aos Consulentes”. IN: «O Nordeste» de 01.05.64.
- _____. “O Banco do Brasil e a Reforma Agrária”. IN: «O Nordeste» de 13.05.64.
- _____. “Banco do Brasil e as Terras Ociosas”. IN: «O Nordeste» de 14.05.64.
- _____. “Governo do Arcebispado de Fortaleza”. IN: «O Nordeste», 18.05.64, Circular nº 2, de 17 de maio de 1964.
- _____. “Proprietários Lavradores e Bem Comum”. IN: «O Nordeste» de 20.05.64.

- _____. *A Fundação João XXIII*. Fortaleza-Ce: Imprensa Universitária do Ceará, 1964.
- _____. “Governo do Arcebispado de Fortaleza”. IN: «O Nordeste», 08.05.64, Circular nº 1, de 4 de maio de 1964, «O Nordeste», 08.05.64.
- _____. “O Leigo e a Consagração do Mundo”. IN: «O Nordeste» de 21.05.64. E também. IDEM. “A Ação Católica e a Política”. «O Nordeste» de 22.05.64.
- _____. “Recomeçam as aulas Radiofônicas”. IN: «O Nordeste» de 16.06.64.
- _____. “Um Problema Máximo”. IN: «O Nordeste» de 01.04.65.
- _____. “O Caso de Assunção”. «O Nordeste» em 08.04.65
- _____. *Testemunho. Documentário Pastoral*. Fortaleza-CE: Mimeografia e Papeleria Eunice Ltda. - MIPEL, 1971
- _____. “Obrigado, Raquel”. IN: «Tribuna do Ceará» de 02 de março de 1973
- _____. *Pedaços de Mim Mesmo*. Fortaleza: Oficinas do «A Fortaleza», 1973.
- _____. *Memórias da Graça Divina*. S. Paulo: Edições Loyola, 1978.
- _____. *O Tapete de Mistérios*. S. Paulo: Edições Loyola, 1980.
- _____. “Páscoa de 1969”. Oferta das Josefinas. parte III.
- _____. e Juarez COUTINHO. “Relatório da Fundação João XXIII - 1º Ano de Atividade”. Mimeografado.
- DEROUET, Luís Renato Francisco. Depoimento. Encontra-se em nosso arquivo, na rua Rocha Lima 364, Mimeografado.
- Editorial. “Renúncia de D. José Delgado”. IN: «Tribuna do Ceará» de 02.03.73.
- FRAGOSO, Antônio Batista. Depoimento. Encontra-se em nosso arquivo, na rua Rocha Lima 364, Mimeografado.
- FREIRE, José. *Pedaços de Mim. A história de vida de Pe. Enemias Freire de Almada: “Teólogo da fé”*. 2ª edição. Fortaleza-Ce: Gráfica e Editora Eclipse, 1997.
- Lei 4595/64 art.38.
- LEITE, Maria Amélia. Depoimento. Encontra-se em nosso arquivo, na rua Rocha Lima 364.
- MONTENEGRO, João A. de Sousa. *O Trono e o Altar: As Vicissitudes do Tradicionalismo no Ceará*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil S.A.,1992.
- Nordeste, Desenvolvimento sem Justiça*. Documento da Ação Católica Operária. Recife, 1967.
- PILETTI, Nelson e PRAXEDES, Walter. *Dom Helder Câmara, Entre o Poder e a Profecia*. S. Paulo: Ática, 1997, p. 197 e 323.
- RAQUEL DE QUEIROZ. “O Palácio do Bispo”. IN: «Tribuna do Ceará» de 02 de março de 1973.

BIOGRAFIA

O menino José nasceu na fazenda Timbaúba, município de Pombal, hoje Condado, no alto sertão da Paraíba, aos 28 de julho de 1905. Era filho de Manoel Porfirio Delgado e Francisca de Medeiros Delgado.

Fez seus primeiros estudos na cidade da Serra Negra, no Rio Grande do Norte, a partir dos 7 anos, sendo sua professora Dona Mimosa, e em Malta, no seu estado natal. Entrou para o Seminário de João Pessoa no dia 4 de março de 1918 com 14 anos de idade, terminando ali os cursos de humanidades e Filosofia em 1924. Foi mandado a Roma para estudar teologia, porque era aluno brilhante. Coursou os dois primeiros anos de teologia, de 1925 a 1927, na Universidade Gregoriana e se hospedava no Seminário Pio Brasileiro, em Roma. Voltando ao Brasil, por ordem de seu bispo, preocupado com a sua frágil saúde, terminou os estudos no seminário de João Pessoa. Ordenado sacerdote em 2 de junho de 1929 por Dom Aduato Aurélio de Miranda Henriques, foi vigário cooperador de Bananeiras, depois Cooperador de Campina Grande de janeiro a junho de 1930. Por 10 anos pároco de Campina Grande.

Eleito primeiro bispo de Caicó, no Rio Grande do Norte a 15 de março de 1941 por Pio XII, recebeu a sagração episcopal das mãos de Dom Moisés Coelho, no dia de S. Pedro e S. Paulo, 29 de junho do mesmo ano. Tomou posse na diocese de Caicó a 26 de julho de 1941 e governou até 26 de janeiro de 1952, um período de 10 anos e 6 meses.

De Caicó foi transferido para S. Luís do Maranhão em quatro de setembro de 1951, entrando na posse da Arquidiocese de S. Luís a 3 de fevereiro de 1952, onde o foi apanhar a transferência para Fortaleza, no dia 11 de maio de 1963, após 11 anos, 3 meses e 8 dias como Arcebispo Metropolitano de S. Luís, pelo Papa João XXIII.

Em 4 de abril de 1973 conforme suas próprias palavras, diz ele: “Paulo VI concedeu-me a liberdade de que hoje desfruto como simples pregador da Palavra de Deus, sem mais obrigação do governo diocesano, nas proximidades de completar 68 anos”.

Faleceu em 9 de março de 1988.